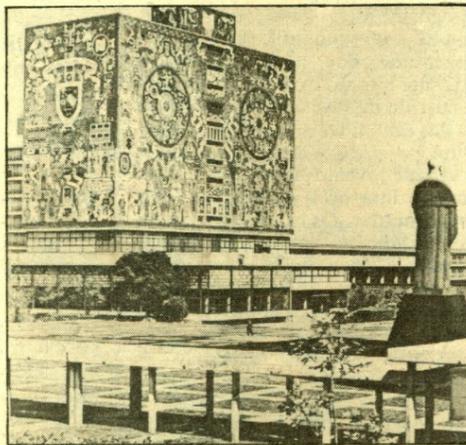
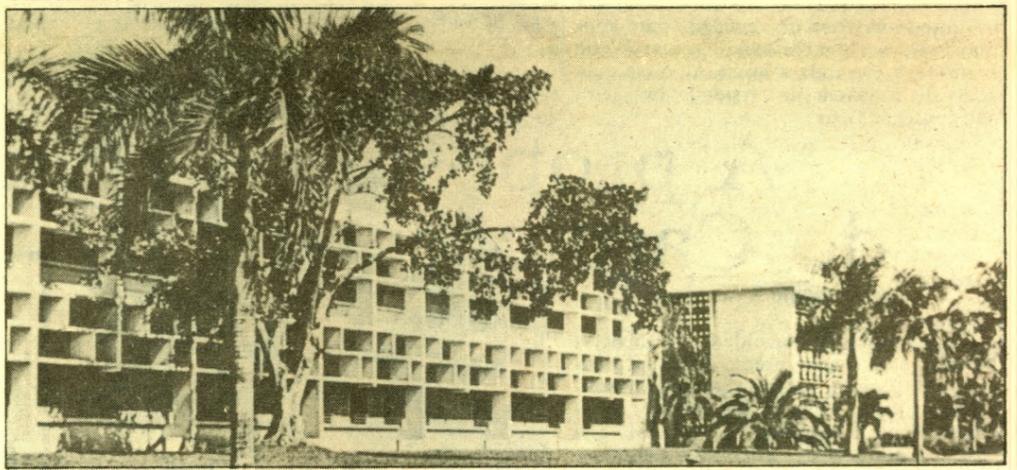
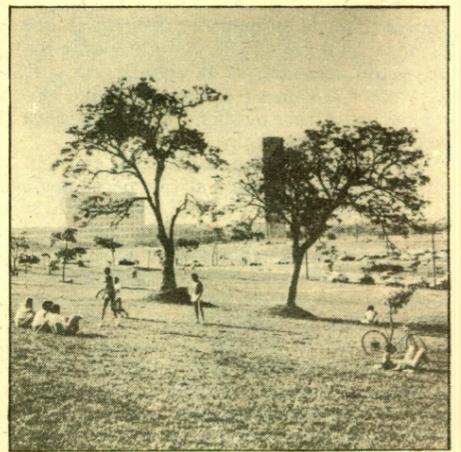
jornal da UNICAMP

Campinas, maio de 1987

Ano I N.º 9

Crises e desafios da universidade na América Latina

*No ano 2000, cerca de 14 milhões de jovens entre 18 e 23 anos estarão batendo na porta das universidades latino-americanas, agravando em muito a pressão social pelo ingresso nas escolas de ensino superior. Sofrendo ainda os efeitos negativos dos períodos militares, que investiram pouco em ensino e pesquisa, esse conjunto heterogêneo de universidades enfrenta, contudo, na maioria das vezes, responsabilidades semelhantes: a maior delas parece ser a de recuperar o padrão de investigação científica e tecnológica das nações latinas do Terceiro Mundo, cujo distanciamento dos países desenvolvidos ampliou-se ainda mais nos últimos anos. Reunidos na cidade argentina de Belgrano, em maio último, 40 reitores da Europa e da América Latina discutiram a necessidade de novas e urgentes reformas. Coube ao reitor Paulo Renato traçar um perfil da universidade latino-americana nos últimos 25 anos. Na **página** 7, Paulo Renato volta a falar no assunto para o "Jornal da Unicamp".*

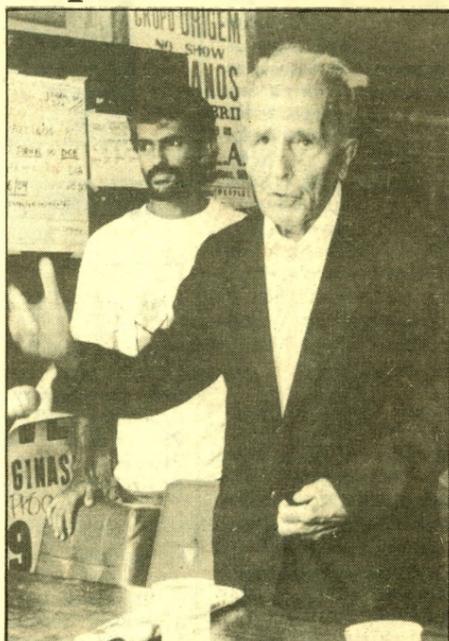
Universidade de Valparaíso, Chile

Universidade do México

Universidade de Porto Rico

Zoólogos do IB fazem levantamento das aves do campus

Comandada pelo prof. Jacques Vielliard, uma "expedição" iniciou há três semanas um censo das espécies de pássaros que habitam o campus de Campinas. *Página 9.*

Projeto da FEA dá nova utilidade ao velho bambu

Quem sai ganhando é o pequeno produtor rural, especialmente o que trabalha com hortaliças. Veja por quê na *página 4.*

O lendário Prestes puxa pela memória e expõe suas idéias

As idéias ele as carrega desde os anos 20, quando comandou sua lendária Coluna através do Brasil. A memória continua muito boa, apesar dos quase 90. Foi o que se viu no último 31 de março, na Unicamp. *Página 3*

Consu instala-se e Unicamp atinge sua maioridade

Coroando um processo que durou três anos, instalou-se finalmente o Conselho Universitário da Universidade, muito mais autônomo e representativo. *Página 6.*

Gerad quer agora integrar Unidades e Administração

É o que começa a ser feito em maio, num encontro que reúne representantes de todas as Unidades, a convite do Grupo Executivo da Reforma Administrativa. *Página 5.*

De reformas e reformadores

Maurício Knobel

Maurício Knobel é professor do Departamento de Psiquiatria da FCM da Unicamp e diretor do Núcleo de Estudos Psicológicos

Há um fato na América Latina, relacionado com a Universidade que, lamentavelmente, não é bem conhecido no Brasil, pela circunstância de que a Universidade, como tal, é ainda uma instituição muito nova neste País. Entretanto, sabe-se que, seguindo os modelos dos conquistadores espanhóis, as nações de fala castelhana possuem já uma história de séculos em matéria de Universidade. Porém, eram (e ainda são, algumas) redutos elitistas destinados a preparar os poderosos para deter o poder e dominar os povos. O fato é este: em 1918, explode na secular Universidade de Córdoba, na Argentina, um movimento estudantil conhecido como "Reforma Universitária", que contagia com seu entusiasmo e espírito de luta os jovens de muitas outras universidades, tanto na Argentina como em outros Países do continente.

Os estudantes de 1918 contestam, brigam, corroem as estruturas ultrapassadas da Universidade que, como se sabe, pertencia e servia às classes dominantes. Em Córdoba, num dia de revolta, os estudantes derrubam os bustos dos velhos autocratas transformados pelo arbítrio de sua própria classe social em "patriarcas heróicos", aos gritos de: "Estão sobrando bustos e faltando pedestais!." Acabam com a cátedra vitalícia, com as nomeações arbitrárias que sempre eram um benefício outorgado a parentes ou personagens da aristocracia, e se estabelece o Concurso para os cargos docentes, em forma pública e com a presença vigilante dos estudantes.

Mudanças diversas acontecem em muitas universidades com a ativa e permanente atuação dos estudantes. A Universidade se transforma e começa a ser ninho de lutas políticas que vão muito além de seus muros. Em alguns lugares formam-se partidos políticos que surgem das fileiras desses valentes estudantes contestadores.

As "universidades reformistas" não pretendem reformar os países, porém sim conseguem formar lideranças com espírito democrático e sentimento popular. Porém, logo começam as perseguições, as prisões e a violência. A reação está alerta e acompanha o processo com surpresa e indignação. Logo, bem logo, os demagogos conseguem infiltrar-se na nova universidade para continuar mantendo o "sistema", situação que se propaga por toda a nossa América e da qual até a jovem universidade brasileira não consegue fugir.

Em nome da "Reforma" surge na Argentina de Perón o chamado "ingresso irrestrito", sob o pretexto de atender a todos que desejavam ter acesso às universidades. A essa medida demagógica não corresponde, entretanto, a instalação de uma estrutura adequada para suportar a enorme demanda reprimida. Passam a ingressar na universidade turmas de 3.000 a 5.000 alunos por faculdade ou instituto. Os salários dos professores são ridículos (praticamente como aqui) e nem salas de aulas há para tanta gente. O despreparo chega a ser assustador.

Alguns dos antigos lutadores sucumbem à sensualidade do poder e, virando situacionistas, corrompem o ensino e a verdadeira universidade reformista. As ditaduras são as eternas aliadas das alites e procuram, com verdadeiros jogos de mágica, transformar os lutadores em servos. Não poucas vezes o conseguem. Entretanto, felizmente, sempre há a reserva estudantil, que, por sua própria juventude, que dá força, vigor e honestidade, até mesmo quando erram, numa eterna corrida de revezamento, pegarão a bandeira das reivindicações justas e continuarão a luta.

Muito sangue jovem foi derramado nessa permanente luta pela universidade autenticamente popular. Os estudantes sabem disso e não claudicam, continuam brigando, reclamando e exigindo. Estou certo de que cabe a nós, mais velhos, acompanhá-los oferecendo-lhes nosso conhecimento, ajudando-os a se formarem melhor, promovendo as mudanças que reclamam. A universidade pode ser uma partícula germinadora de futuras mudanças sociais e políticas, se consegue democratizar-se. Em nossos laboratórios, nossas aulas, nossas experiências, ensinando e aprendendo bem e honestamente, formar-se-ão os profissionais a serviço da comunidade, e não do "sistema" que afoga, destrói e mata a criatividade e a liberdade, que é a essência da condição humana.

A proposta do Cardiocentro

Luiz Antônio Bittencourt

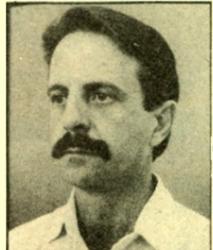
Luiz Antônio Bittencourt é professor do Departamento de Cardiologia do Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (CAISM)

A mudança da Faculdade de Ciências Médicas para o novo prédio anexo ao Hospital das Clínicas, ocorrida no ano passado, e a conseqüente ativação dos diversos serviços médicos, trouxeram à tona ampla discussão à margem das estruturas médicas e das políticas de saúde regional e nacional.

Tal discussão levanta questões fundamentais, como a hierarquização da demanda, mudanças de conceitos sobre o significado de assistência médica integral, integração das diversas áreas de saúde pública (municipais, estaduais e federais) com áreas privadas, geração e difusão de conhecimentos, papel da Universidade como fonte de recursos humanos etc.

No campo das doenças cardiovasculares, grandes progressos tecnológicos recentes no âmbito da atenção terciária foram incorporados e desenvolvidos, principalmente os referentes às técnicas de diagnóstico das cardiopatias e correção cirúrgica de doenças adquiridas (ex.: ponte de safena) e de doenças congênitas. No entanto, no que tange às estruturas assistenciais terciárias, elas continuam arcaicas e burocratizadas. Por outro lado, a crítica e o conhecimento progressivo no campo da atenção primária nos mostram que procedimentos simples e interdisciplinares podem equacionar profundos problemas de saúde, como por exemplo aquela atenção que se deve desenvolver para os portadores de hipertensão arterial.

Os desafios com que nos defrontamos no campo das doenças cardiovasculares na região são de tal magnitude que necessitamos um "repensar" total, no sentido de organizar todos os recursos já existentes e otimizar sua utilização para se obter resultados eficazes que propiciem, por parte das autoridades competentes, novos investimentos na área de saúde.

Sabemos que há várias fontes para financiamento de pesquisas e projetos assistenciais em saúde a nível governamental e a nível particular. A obtenção de tais recursos passa obrigatoriamente pela necessidade de estruturas de saúde confiáveis administrativamente e modernas ideologicamente, das quais se possam esperar resultados concretos da aplicação de recursos.

A equipe de Cardiologia iniciou no ano passado, junto com outros grupos interessados (Departamento de Fisiologia e Biofísica do I.B., Departamento de Pediatria da FCM, Departamento de Clínica Médica da FCM, Departamento de Medicina Preventiva da FCM, entre outros), a discussão sobre a formação de um "Centro de referência em assistência e pesquisa na área cardiovascular", com o nome de Cardiocentro. Procuram então a orientação da antiga ADU (Assessoria de Desenvolvimento Universitário), daí resultando uma proposta concreta que foi então encaminhada para uma discussão mais ampla a nível da Unicamp, através dos grupos interessados no problema das doenças cardiovasculares.

A proposta, ainda em tramitação nos diversos departamentos, merece ser tratada prioritariamente considerando-se a necessidade urgente que temos de dar suporte assistencial adequado aos cardiopatas da região e também de desenvolver linhas de pesquisa para os problemas da nossa região.

Os equipamentos e a área destinada à Cardiologia Clínica e Cirúrgica, as enfermarias e ambulatórios, ainda não estão sendo utilizados em sua plenitude por indefinição administrativa. Devemos lembrar que os equipamentos para estudos hemodinâmicos (ex.: coronariografia) são os mais modernos da região e nenhum hospital regional tem ou pode ter um igual nos tempos atuais de recessão econômica. No entanto, o equipamento ainda não entrou em operação por falta de recursos materiais e humanos, e por falta de políticas claras e inequívocas para solução das doenças cardiovasculares.

CARTAS

Sr. Editor:

Pensando chamar a atenção de seus leitores para um interessante fenômeno que se dá diariamente nos corredores da Administração — e quero crer que em todo o campus — em determinada hora do dia, escrevi o texto anexo, que V. S.ª publicará como melhor lhe aprouver. Será crônica? Reportagem? Poema em prosa? O leitor que decida. Dei-lhe o título de "A Valsa das Escovas". **Edmilson Antonio Ortolan**, funcionário da Administração Geral.

• Aí vai o seu texto, Edmilson.

A Valsa das Escovas

Quando um dos relógios do pavilhão da Administração marca doze horas e trinta minutos, dá-se o início, quase que diariamente, à chamada "Valsa das Escovas". Num colorido especial de medidas e formas elas vão aparecendo de um lado ou de outro, sem distinção de departamento. São escovas novas, velhas, cansadas dessa "Valsa", que quase diariamente são obrigadas a valsar sem dizer "não". Mesmo aquelas que estão para se aposentar ficam de um lado para o outro, nessa maratona insaciável.

Algumas são de cabo longo, chegando a inibir as outras de cabo curto; mas nem todas possuem um colorido vivo, o que causa inveja nas demais.

Elas chegam nos mais diversos lugares: mãos, bolsinhas e tem aquelas que são mais extrovertidas, que chegam na boca dos seus donos, com todo pique e empolgação como se dançassem um frevo, um funk ou até mesmo uma música com rotação alterada.

Quase todas se conhecem, mas algumas chegam de mansinho, muito quietas dentro das bolsinhas, juntamente com o seu primo, o Fio Dental, que é mais expansivo que as escovas, pois aparecem antes e depois que a prima, a Escova de Dentes, acaba de valsar.

Em menos de dez minutos o movimento se intensifica, causando um verdadeiro congestionamento no corredor, na porta dos banheiros e dentro dos mesmos. Lá dentro a "valsa" é muito intensa, causando até pequenos incidentes, tais como quedas de pasta de dente no chão, escovas que caem no lixo e tem até aquelas que são mergulhadas nos vasos sanitários.

Algumas escovas são usadas para certos tipos de brincadeira, como espadas, tacos de golfe e de sinuca, e outras que são usadas como instrumentos musicais — baquetas, batutas e até guitarras.

Na boca das pessoas a escova valsa, valsa e valsa até não poder mais.

Quando dá a hora de entrar para os departamentos, as escovas saem cansadas, exaustas e até meio desgastadas de tanto valsar.

Mas nessa hora elas são guardadas nas gavetas, nos armários, nas bolsas e ficam até mesmo expostas à ação nas gavetas das mesas, onde só serão lembradas e utilizadas no dia seguinte, pois nas gavetas elas caem no esquecimento.

Tem algumas escovas que só aparecem depois que as outras vão embora, pois sofrem de complexo de inferioridade e temem alguma brincadeira que poderá machucá-las moralmente, mas mesmo assim não erram o compasso e mostram que sabem valsar melhor do que algumas mais experientes.

No dia seguinte são novamente requisitadas para a mesma valsa, e assim começa tudo outra vez... O relógio da Administração marca doze horas...

O Edmilson, além de funcionário do DGA-32, também é um "artista de domingo" (faz parte do grupo "Trama-Shows Artísticos"). Como ator amador, pode ser encontrado nos fins de semana animando festas infantis e atividades de lazer no hotel fazenda Solar das Andorinhas.

jornal da UNICAMP

Uma publicação da Universidade Estadual de Campinas

Reitor — Paulo Renato Costa Souza
Coordenador Geral da Universidade — Carlos Vogt
Pró-reitor de Graduação — Antônio Mário Sette
Pró-reitor de Pós-Graduação — Bernardo Beiguelman
Pró-reitor de Pesquisa — Hélio Waldman
Pró-reitor de Extensão — José Carlos Valladão de Mattos
Pró-reitor de Desenvolvimento — Ubiratan D'Ambrósio

Este jornal é elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081, Campinas, SP. Telefones: (0192) 39-3134/39-3148. Telex (019)1150.

Editor: Eustáquio Gomes
Redatores: Amarildo Carnicel, Antônio Roberto Fava, Graça Caldas, Marcus Vinicius Ozores.
Fotografia — Antoninho Perri
Diagramação: Amarildo Carnicel
Paste-Up e Arte-Final: André Iani e Clara Eli Salinas
Serviços Técnicos: Sônia Regina T.T. Pais e Clara Eli Salinas

Entrevista: Luís Carlos Prestes

"A única força organizada é a militar"

Para uns, "o cavaleiro da esperança"; para outros, "um anarquista que ficou famoso"; e para a maioria, que aguarda paciente o julgamento da história, "um homem que viveu boa parte da experiência brasileira deste século" — uma legenda viva. Pode-se não concordar com ele, mas não se pode ignorá-lo.

A célebre Coluna Prestes, que de 1925 a 1927 percorreu, a pé, 25 mil quilômetros através do Brasil até internar-se na Bolívia, tornou-se símbolo internacional de resistência. Os lances dramáticos de sua vida (foi exilado e preso várias vezes) chegaram ao auge quando sua primeira esposa, a ativista Olga Benário, foi deportada para um campo de concentração na Alemanha.

Aos 89 anos, ainda ágil e completamente lúcido, Luís Carlos Prestes é um pacato cidadão que vive num apartamento doado por seu amigo Oscar Niemeyer, no Rio. Passa boa parte do tempo debatendo com operários, sindicalistas e estudantes.

E foi para debater que ele esteve na Unicamp no último dia 31 de março, a convite do Diretório Central dos Estudantes. Concedeu também, na ocasião, minucioso depoimento sobre a Coluna Prestes para o Departamento de História da Universidade. A presente entrevista é uma síntese de ambas as coisas.

Jornal da Unicamp — O sr. vem falar sobre os anos 30 exatamente no dia de aniversário do movimento de março de 1964. Para quem nasceu na primeira República, viu nascer e morrer a segunda e acompanha as atribulações da quarta, que espécie de sensação experimenta diante do atual quadro de crise?

Prestes — É uma crise estrutural. Sou de opinião de que dentro do capitalismo não há solução para nenhum dos grandes problemas que enfrentam os povos da América Latina, inclusive o Brasil. É indispensável um novo regime. Dentro do capitalismo não se resolve nem o problema da terra, nem o da instrução pública, do analfabetismo, da fome, da miséria e do atraso cultural. O outro problema é a falta de organização. Não existe hoje um partido revolucionário que se coloque à frente das grandes massas para dirigir o processo revolucionário. Os partidos comunistas só o são de nome. A política deles não é absolutamente baseada na ciência do proletariado. Os caminhos para cada país são diferentes. Agora, a estratégia de apoiar um governo do tipo Sarney para chegar ao socialismo é uma deturpação completa da teoria revolucionária. Minha opinião e a de qualquer marxista é que a reforma agrária só pode ser feita com a liquidação do latifúndio, e não é isso que os técnicos do Sarney estão fazendo. Quanto ao 31 de março, não foi revolução. No máximo, o que se pode dizer ligado à palavra revolução é contra-revolução. Foi um golpe de estado reacionário e dirigido particularmente contra a classe operária e os trabalhadores do campo.

"O principal obstáculo para o avanço operário é a divisão política"

JU — O sr. vê perspectiva de mudança para o quadro atual?

Prestes — A transição lenta, gradual e segura ficou reduzida a zero. O senhor Ulisses Guimarães, presidente do maior partido político do País, dizia no passado para as massas que o Colégio Eleitoral era uma instituição ilegítima e espúria. Hoje, o mesmo Ulisses Guimarães concilia com a ditadura e vota no Colégio Eleitoral que antes criticava. É esse o homem que temos hoje na presidência da Câmara, da Constituinte e no PMDB. Essa é a realidade do brasileiro.

JU — O sr. foi senador constituinte em 1946, pelo PC. Como foi sua experiência?

Prestes — Nós comunistas constituímos uma pequena fração dentro da Assembléia Constituinte de 46. Éramos 15 membros do PC. Um senador — eu, no caso — e 14 deputados federais. Tínhamos que enfrentar uma maioria esmagadora de mais de 300 constituintes que nos faziam calar a boca. Que bloqueavam todos os nossos projetos. O que queríamos era substituir a atual estrutura sindical por outra diferente, independente do patrão, do Estado e dos partidos políticos. Esta estrutura que aí está facilita a intervenção no sindicato.

JU — As medidas econômicas de fevereiro de 1986, em seu início favoráveis ao bolso do cidadão comum, teriam sido uma dessas concessões?

Prestes — O governo do presidente Sarney tentou, na época, resolver o problema da inflação. Chamou economistas heterodoxos para adotar uma nova moeda e substituiu o cruzeiro pelo cruzado. Declarei desde o início que o plano não era econômico mas sim fundamentalmente político. O que o Sarney queria era votos para as eleições. Cheguei a assinar um documento na época, onde eu dizia que o congelamento de preços, num regime capitalista, é inviável.

JU — O sr. acredita que a atual Assembléia Nacional Constituinte poderá de fato efetivar as mudanças que a sociedade reclama?

Prestes — Não. Esta Constituinte foi convocada sem que se anulasse toda a legislação fascista. Foi eleita em coexistência com a lei de segurança nacional, lei contra a greve, de maneira que não tem soberania alguma. Agora é que se lembraram de defender a soberania...

JU — A propósito de soberania: como ex-militar, qual o papel que o sr. redefiniria para as Forças Armadas na Constituição em curso?

Prestes — As Forças Armadas devem ser uma instituição nacional, permanente, baseada na disciplina e na hierarquia. Nada mais. As tarefas das Forças Armadas, quem dita quais são, é o poder estatal, o Poder Executivo, o Poder Legislativo, o Poder Judiciário. Esta posição de querer dar monopólio de defesa da ordem às Forças Armadas é completamente errada e reacionária.

Aluno — Nesse contexto, existe efetivamente o risco de retorno dos militares ao poder?

Prestes — Isso sempre existiu. O chamado poder militar é a única força organizada de fato, em nosso país. Quem poderia concorrer com o poder militar seria um movimento sindical forte, o que ainda não existe. A única força organizada no Brasil tem quatro exércitos e já estão preparando um quinto com mais 15 generais, lá no Mato Grosso. Qual é a força que podemos opor a isso? Não tem. Essa é a força dominante. Portanto, a possibilidade de golpe está sempre presente. Mas o golpe não se realiza quando os generais querem. Precisa haver condições.

JU — O que impede a organização real e efetiva de todos os trabalhadores?

Prestes — Hoje, a classe operária já dispõe de pelo menos duas importantes centrais sindicais, a CUT (Central Única dos Trabalhadores) e a CGT (Central Geral dos Trabalhadores), com posições políticas diferentes. Esta divisão é um dos principais obstáculos ao avanço da classe operária. Depois, há a questão partidária permeando a questão maior, que é a da organização dos trabalhadores em torno de uma causa comum. Um partido político não deve intervir num movimento sindical. Se um determinado partido fizer do sindicato uma organização de sua propriedade está cometendo um crime porque divide o movimento sindical.

Prestes passa parte de seu tempo com operários, sindicalistas e estudantes.

"Houve uma época em que a única arma do oficial de exército era conspirar"

Aluno — Como o sr. avalia o movimento estudantil nos últimos anos?

Prestes — Antes do movimento de 64 eu conversava com dirigentes da União Nacional dos Estudantes (UNE) e dizia a eles que a UNE, sendo uma organização estudantil mas também política, nem sempre apresentava sugestões políticas de interesse específico. Eu dizia que era necessário examinar com mais atenção a questão do ensino pago ou gratuito, e também a da qualidade do ensino. É claro que devemos ainda chegar ao subsídio ao estudante, tal como existe na União Soviética e em outros países socialistas, onde o estudante, em lugar de pagar, na verdade recebe para estudar.

A UNE é uma organização coletiva de alunos. Os estudantes, cada um deles pode ter a sua tendência política diferente. E é necessário procurar uma plataforma comum para essas diversas tendências, para que se possa eleger uma direção. Essa direção, no entanto, deve ser neutra para não pretender arrastar a massa estudantil para este ou aquele partido.

JU — Há muitas versões sobre o significado e a importância histórica da Coluna Prestes. Poderia dar a sua própria versão?

Prestes — A coluna surgiu no movimento tenentista de 1922 e 24. Era uma época de séria crise, logo após a Primeira Guerra Mundial. Os oficiais do Exército recebiam um salário relativamente pequeno. Quando esses oficiais retornavam aos quartéis, depois do curso na Escola Militar, ficavam decepcionados. Lá, a única arma que existia era o velho fuzil Mauser, de 1908. Não existiam tanques, nem metralhadoras. Esse descontentamento dos oficiais estava ligado ao da intelectualidade brasileira, devido às eleições. No Brasil, a eleição era pura fraude. Só deixou de ser fraude, quer dizer, menos fraude, depois da introdução do voto secreto, que veio depois de 1930. Em 22 havia ainda muita fraude. No domingo antes das eleições, o chefe político local utilizava a hora da missa para arrebanhar eleitores para assinarem o livro do voto. De maneira que no dia da eleição o livro já estava pronto.

"Em Goiás nos perguntaram se estávamos lutando pela volta do imperador"

JU — Daí, a convicção de que a única saída era a revolução?

Prestes — A conspiração era a única arma que o oficial do Exército tinha. Passou-se então a conspirar. A conspiração era terrível. E afinal, foi numa luta armada, quando o presidente Epitácio Pessoa prendeu o Marechal Hermes da Fonseca — a mais alta patente do Exército na época — que os tenentes se levantaram. Estavam todos comprometidos. Toda a Vila Militar estava envolvida. Mas quando chegou a hora, ficaram uns esperando pelos outros. E só a Escola Militar se levantou. Foi quando se deu aquele gesto heróico, do levante do Forte de Copacabana. Não foi um gesto de desespero. Foi um gesto de dignidade contra aqueles que não cumpriram com a palavra empenhada. Então, 18 homens do Forte de Copacabana marcharam contra três mil soldados na praia de Copacabana e caíram todos. Esse acontecimento teve grande repercussão na Nação e no Exército. Apesar da derrota, a conspiração continuou aqui em São Paulo. Tivemos que intensificar a conspiração para, em 29 de outubro, nos levantarmos, embora precariamente armados, esperando que os companheiros de São Paulo nos levassem munição, o que não foi possível. Fomos então cercados por 14 mil homens. Éramos 1.500, dos quais só 700 tinham armas, fuzis Mauser e cinco ou seis metralhadoras. Sete colunas de inimigos marcharam convergentemente sobre nós. Fizemos uma manobra. Marchamos por dentro de duas colunas de inimigos e viemos para o Norte, até nos unirmos aos paulistas. Atravessamos o rio Uruguai, e chegamos ao Paraná. A coluna de São Paulo estava em situação oposta. A principal posição deles era Catanduva. Essa posição foi derrotada, e, em grande parte, o pessoal passou para a Argentina. Organizamos uma divisão sob o comando do general Miguel Costa, composta de duas brigadas. A de São Paulo e a do Rio Grande. Atravessamos armados o rio Paraná, um pedaço do Paraguai, e entramos no Mato Grosso. Começou aí a marcha da Coluna Prestes.

JU — Qual era, na verdade, o objetivo da Coluna?

Prestes — Era a deposição do presidente Arthur Bernardes. Podíamos dizer isso através de palavras de ordem política, que era por causa do voto secreto, liberdade de imprensa. Mas o objetivo mesmo era a luta contra o presidente da República, para que fosse substituído. E foi com esse objetivo que atravessamos o Brasil. Fomos levados a fazer a marcha da Coluna, que não estava prevista. Não foi planejada. Mas fomos avançando. Fomos até o Maranhão. Atravessamos todo o Nordese. Sempre lutando com dificuldades terríveis de armamentos e munição. Chegamos a Minas. Tivemos que voltar porque o governo colocou uma cortina de 20.000 homens à nossa frente e não nos restou outra opção senão voltar. Verificamos mais tarde que a luta era inútil. Isto porque tivemos contato com o povo e, nesse contato, vimos que o fundamental não era substituir Bernardes. Entrasse outro, ele iria fazer as mesmas coisas. O que era preciso era acabar com a ordem social que aí estava. Foi aí então que resolvemos terminar a marcha para irmos estudar as causas. Precisávamos saber por que num país tão grande como o nosso, 80% dos camponeses não têm um palmo de terra; por que alguns milhares de fazendeiros possuem 80% das terras aráveis do Brasil, enquanto o resto vive naquele estado de miséria absoluta. Até a roupa é difícil.

O povo do interior vivia em farrapos e lá no norte de Goiás eles nos perguntavam: "Vocês estão lutando pela volta do Imperador?" Por que faziam esse tipo de pergunta? Porque na época do Império os tecidos da Inglaterra ainda chegavam baratos ao Brasil. Com a proclamação da República os produtos passaram a chegar por um preço que o camponês, o trabalhador do campo, não tinha dinheiro para comprar. Então, vivia esfarrapado. Foi esse quadro que me comoveu muito. E nós não sabíamos a explicação disso. Na Escola Militar, os estudantes aprendiam a atirar, não a resolver os problemas sociais de nossa terra. Fomos então para a Argentina para estudar. Lá, os livros marxistas já eram vendidos. Li muita porcaria. Quando me chegou às mãos o livrinho de Lênin, "O Estado e a Revolução", tive um choque. Tudo o que havia estudado na Escola Militar era que o Estado era uma instituição acima das classes para distribuir justiça. Era isso que ensinavam sobre o Estado burguês. E Lênin dizia justamente o contrário. Que o Estado é um instrumento de dominação de classe. O Estado está a serviço da classe para impor sua vontade. Então compreendi que boa parte de tudo aquilo que tinha estudado estava errado. Desde então, passei a estudar o marxismo.

JU — Bem, com isto ficamos sabendo que o sr. não nasceu comunista...

Prestes — No Brasil, ninguém nasce comunista. Qual é a história que a escola ensina? É uma história reacionária, examinada do ponto de vista das classes dominantes. O capitalismo entra na sua cabeça. É martelado através das mais variáveis armas. É necessário, portanto, que aquele que deseja fazer uma revolução, participar de um movimento contra as classes dominantes, ser dirigente de um partido político, estude a ideologia da classe oprimida, da classe operária. Toda a política é uma ciência. Se é ciência, precisa ser estudada como tal. Não basta folhear um livro e pensar que é um marxista porque o livro era marxista. E, no Brasil, é muito pequena ainda a experiência nesse sentido.

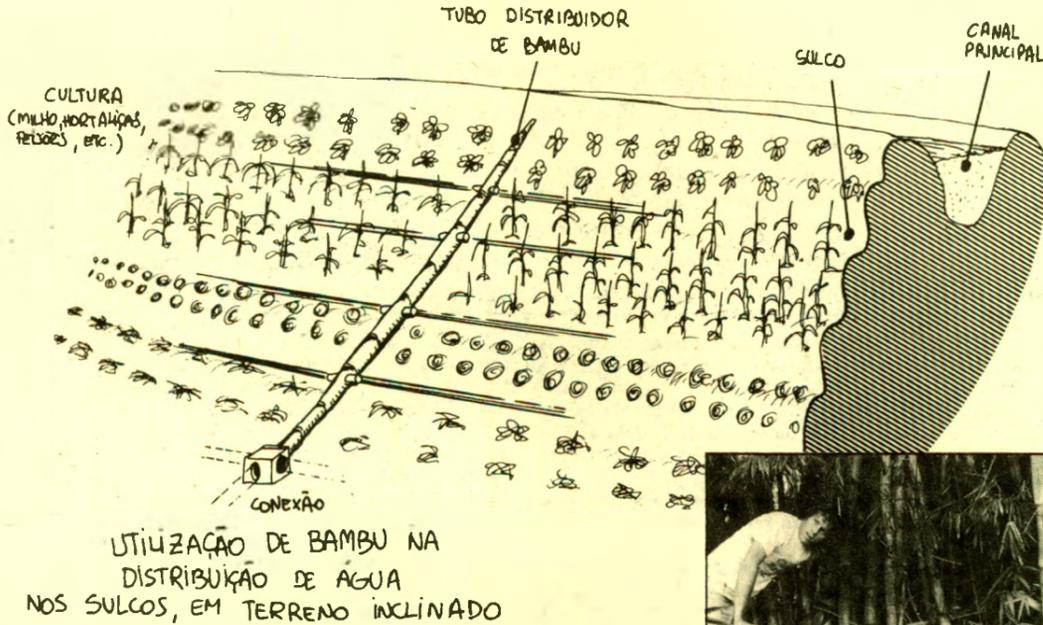
O Partido Comunista foi fundado em 1922 por nove companheiros. Todos eles eram sindicalistas. Passaram para o marxismo porque aprovaram a revolução de 1917 do proletariado russo. Então, aprofundaram os estudos. Na Rússia, na segunda metade do século passado, havia uma intelectualidade de alto nível que falava francês, que voltara a estudar o Ocidente. Por isso a Rússia foi o primeiro país do mundo a traduzir "O Capital". Surgiu daí uma corrente marxista na Rússia. Era o chamado marxismo legal. Isso permitiu a Lênin escolher nessa corrente marxista elementos suficientemente conhecedores do marxismo para reunir um grupo de talentos com os quais ele formou, em 1903, o Partido Social Democrata Revolucionário, que dirigiu. Isso não temos em nosso país.

Toda a nobreza do velho bambu

O custo do PVC, do alumínio e do ferro galvanizado tem sido o principal obstáculo no caminho dos pequenos produtores rurais, quando se trata de prover suas culturas com os benefícios da irrigação. É pensando nisso que José Adolfo de Almeida Neto, um aluno de pós-graduação da Faculdade de Engenharia de Alimentos, vem desenvolvendo projetos de irrigação por bambu destinados a favorecer, em especial, os produtores de hortaliças.

"A utilização do bambu pelo homem remonta à pré-história", diz Almeida Neto, "e graças às suas excelentes propriedades tem sido possível convertê-lo em alimento, vestuário, moradia, medicamentos, instumentos musicais, papel etc." A extensa bibliografia a respeito aponta também a utilização do bambu na origem de grandes inventos como pontes flutuantes, protótipos de avião e até dos primeiros helicópteros. Pesquisas arqueológicas revelaram, no Peru, a existência de cidades incas totalmente construídas com bambu.

O uso do bambu em sistemas de abastecimento de água não é inédito. Na Venezuela, há pelo menos uma cidade cuja rede de abastecimento é toda feita com bambu. "O que buscamos", explica Almeida Neto, "é estudar com mais profundidade a resistência, a durabilidade e as formas de uso das espécies de bambu disponíveis no Brasil. Um ponto a favor é que o bambu pode ser facilmente encontrado em todas as regiões do país."

TUBO DISTRIBUIDOR DE BAMBU — CULTURA (MILHO, HORTALIÇAS, FEIJÕES, ETC.) — SULCO — CANAL PRINCIPAL — CONEXÃO

UTILIZAÇÃO DE BAMBU NA DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA NOS SULCOS, EM TERRENO INCLINADO

O sistema de irrigação por bambu projetado por Almeida beneficiará principalmente os pequenos produtores rurais.

Projeto de irrigação

O projeto de Almeida Neto prevê inicialmente o aproveitamento do bambu em sistemas de condução a baixa pressão, em que a água é levada até a cultura apenas com a ajuda da gravidade. O pesquisador acredita que o projeto poderá melhorar as condições dos pequenos agricultores, uma vez que a irrigação feita pelo sistema tradicional (sulcagem da terra), além de representar desperdício de água, provoca erosão.

"A idéia não é simplesmente substituir materiais já consagrados como os tubos de PVC, alumínio, ou ferro galvanizado", diz Almeida; "somente penso que existe um espaço a ser preenchido entre os produtores que podem consumir uma tecnologia mais sofisticada e aqueles pequenos produtores que, por serem descapitalizados, permanecem alijados do processo de expansão e modernização da produção agrícola."

A maior motivação para a realização desse projeto leva em conta, além de sua grande viabilidade técnica, também um fator moral, explica Almeida Neto. "Refiro-me ao fato de que, embora o pequeno produtor seja o responsável por 80% da produção de alimentos básicos no país, na maioria das vezes ele não tem condições econômicas de usufruir dos progressos tecnológicos." Ortega, o orientador, argumenta que todo pesquisador precisa desenvolver o seu trabalho articulando o conhecimento científico com o intuitivo e o artístico.

Tanto orientando como orientador esperam que, dentro de três anos, quando o trabalho estiver concluído, essa "tecnologia" simples e barata possa vir a integrar projetos de integração rural de pequenos agricultores através de organismos como o Pró-Rural, Iapar, Cati e outros.

Nova alternativa para secagem de pescado

Em meados de 1984 o prof. Kil Jin Park, da Faculdade de Engenharia de Alimentos, apresentou um protótipo de secador industrial de pescado que logo ganhou espaço nos jornais e o interesse das companhias de pesca. Seu invento possibilitava nada menos que secar o tubarão — um peixe ate então tido como resíduo de pesca — e utilizá-lo como eventual substituto do bacalhau. A pesquisa recebeu menção do "Prêmio Governador do Estado de São Paulo" e seu produto foi logo apelidado de "tubalhau".

O inquieto Kil, atualmente chefe do Departamento de Engenharia de Alimentos, não parou de pesquisar novas formas de secagem de pescado na tentativa de encontrar outras alternativas tecnológicas. E, após intenso trabalho de laboratório, Kil e seu parceiro de pesquisas, Felix Emilio Prado Cornejo, desenvolveram o "secador de pescado para pequeno produtor", que, além do custo muito baixo, baseia-se em tecnologia simples e acessível a qualquer um.

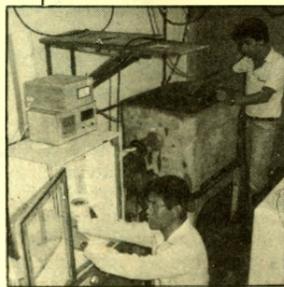
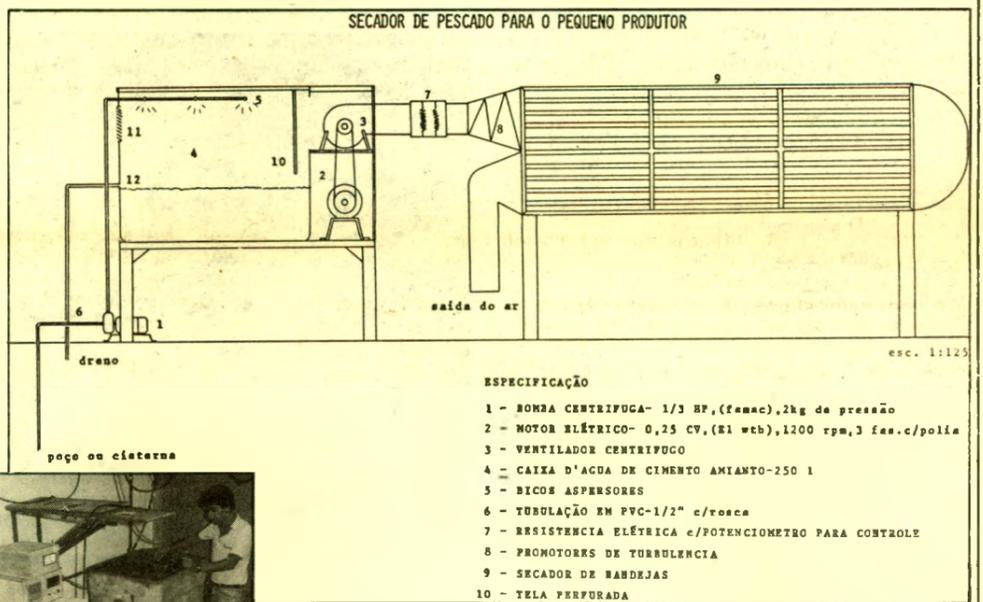
O segredo industrial

Kil e Cornejo confiam no êxito da pesquisa e aguardam mesmo sua pronta aplicação comercial. "O sucesso", diz Kil, "é praticamente certo a partir da confirmação dos parâmetros ótimos de secagem. Percebemos que o ar de secagem pode ser obtido através do processo de saturação. Isso simplificou tudo".

O binômio temperatura e umidade relativa constituem o segredo de secagem da maioria dos materiais biológicos, o que, no caso, poderia ser tomado como o "segredo industrial" de ambos. Mas nem Kil nem Cornejo parecem preocupados em escondê-lo: a temperatura deve permanecer entre 35 e 40°C e a umidade relativa deve ficar entre 50 e 55%. Para que o resultado seja considerado 'excelente', entra em jogo mais um fator: a velocidade do ar. Esse é o "calcanhar de Aquiles" que diferencia o trabalho da Unicamp dos demais: quando toda a literatura disponível recomenda empregar uma velocidade de 2 a 3 m/s na secagem de produtos biológicos, os dois pesquisadores da Unicamp e Embrapa chegaram à conclusão de que, no caso do pescado, a velocidade recomendada é de 0,5 m/s.

Kil explica: "As células vivas de origem animal e vegetal exibem um comportamento padrão: cada célula é distendida pelo líquido contido nele. Como conseqüência, a parede celular é submetida à tensão e o líquido é submetido à compressão. Durante a secagem o fenômeno mais importante é o chamado 'endurecimento superficial', que retarda a taxa de secagem. Para os filés de pescado, também ocorre este fenômeno de endurecimento superficial, daí chegarmos à conclusão que 0,5 m/s é a velocidade ideal, uma vez que o produto seca uniformemente, isto é, de dentro para fora."

Como funciona o secador

De acordo com a figura, a bomba centrífuga (1) succiona a água do poço ou cisterna, bombeando-a através de bicos aspersores (5) dentro de uma caixa d'água de cimento amianto do tipo residencial, com capacidade de 250 litros (4). Essa caixa possui um dreno para manter o nível d'água (12). O ar ambiental succionado pela abertura da caixa (13) entra em contato com a água pulverizada (5), sendo resfriado e saturado.

Kil, Cornejo e o novo secador: maior produtividade e menores custos.

Visando evitar a existência de possíveis caminhos a serem tomados por este ar sem que exista o contato necessário ar/água, foi colocado um anteparo de placa perfurada (10). Esse ar é succionado pelo ventilador (3), que por sua vez é movido pelo motor (2) e "insuflado" para o secador de bandeja (9). No duto de ligação do ventilador (3) com o secador (9), o ar é aquecido através de resistências elétricas (7) munidas de potenciômetros para ajuste de temperatura. Na entrada do secador (9) promotores de turbulência (8) permitem uma distribuição homogênea do ar ao longo das bandejas.

O sistema, segundo Kil e Cornejo, permite a produção diária de 35 quilos de pescado salgado. A secagem de quantidade equivalente de pescado pelo sistema convencional (bomba de calor) tem um custo operacional aproximado de 1.101 OTN. A instalação do secador de Kil e Cornejo não custa mais que 56 OTN.

Ambientalistas de olho na Constituinte

A Unicamp, através do Grupo de Estados do Meio Ambiente, sediou na última semana de março um amplo debate que teve como objetivo reunir subsídios que levassem a uma proposta preservacionista a ser encaminhada aos parlamentares constituintes. Dirigido pelo professor Carlos Joly, coordenador do curso de pós-graduação em Ecologia do Instituto de Biologia, o encontro contou com a participação do deputado constituinte Fábio Feldman, dos pesquisadores Ângelo Machado (da UFMG e também relator da comissão Afonso Arinos), Aziz Ab'Saber (UNESP/Rio Claro e SBPC), Hermógenes de Freitas Leitão (IB/Unicamp e coordenador do Parque Ecológico) e do jornalista Randau Marques, do "Jornal da Tarde" e ligado aos movimentos ambientalistas.

Na primeira parte do encontro os debatedores fizeram breve exposição em torno do tema "Meio Ambiente e Constituinte", abrindo-se em seguida o debate ao público, composto de alunos, professores e representantes de órgãos oficiais, bem como de movimentos ambientalistas. Na apresentação do prof. Hermógenes, ficou claro que há um ponto de consenso entre as várias correntes científicas e ambientalistas: "Os mecanismos de punição vigentes atualmente, além de frágeis, não conseguem impedir a destruição do meio ambiente". A principal razão: o poder econômico se sobrepõe à lei. O prof. Aziz lembrou que, nesse aspecto, os preservacionistas vêm acumulando derrotas há muito tempo. Essa derrota, segundo o deputado Fábio Feldman, ameaça estender-se ao Congresso Constituinte, "onde o tema vem sendo tratado como questão inferior". Basta ver que "o meio ambiente, diz Feldman, será discutido na mesma comissão que tratará das questões de saúde e seguridade". Tudo isto se agrava com o fato de que a grande imprensa tem dado cada vez menos atenção ao problema da preservação. Para o jornalista Randau Marques, trata-se de um espaço que as entidades não têm sabido ocupar. Ele exortou: "É hora de união e devemos deixar de lado as diferença que existem há mais de 30 anos entre os grupos ambientalistas".

Propostas

O encontro de Campinas, de acordo com Carlos Joly, foi de extrema importância pois "juntou as posições de ambientalistas, políticos e cientistas no sentido de se propor uma política única em defesa do meio ambiente". Foram enumeradas quatro propostas básicas que deverão compor o rol de reivindicações a serem encaminhadas aos constituintes. São as seguintes:

1. Antes da implantação de qualquer projeto de grande impacto ambiental, como construção de hidrelétricas e áreas de mineração, devem ser realizados estudos prévios de viabilidade para evitar violências contra o meio ambiente.

2. A energia atômica deve ter legislação específica.

3. O país deve manter um programa nacional de educação ambiental voltado para a educação formal e informal.

4. É preciso que haja uma definição clara de "crime ecológico" associado a uma legislação que permita responsabilizar quem agride o meio ambiente e as autoridades públicas omissas ou coniventes com a agressão.

Mas para que essas e outras propostas que virão engrossar as sugestões aos constituintes sejam encaminhadas diretamente ao plenário do Congresso, é necessário o endosso de três entidades legalmente constituídas (SBPC, SBB, APAB) e 30 mil assinaturas. "Temos muito trabalho pela frente", diz Joly, lembrando que a união, neste momento, entre cientistas e associações ambientalistas, "é fundamental para que nós, defensores do meio ambiente e portanto do futuro, possamos nos fazer ouvir".

Reforma busca 'azeitar' canais administrativos

Como encaminhar determinada solicitação administrativa? A que setor devo me dirigir? Onde começa e onde termina o fio da meada?

Estas são perguntas que se fazem diariamente professores e funcionários, no instante de dar início ou andamento a qualquer processo. Não raro as próprias secretarias de Unidades, não sem razão, desconhecem os trâmites corretos. A conseqüência, nesses casos, é que o documento entra por caminhos tortuosos caracterizando-se, logo, o chamado "emperramento burocrático".

É exatamente para facilitar uma maior interação entre as Unidades e as duas maiores diretorias administrativas da Universidade, a DGA (Administração Geral) e a DGRH (Recursos Humanos), que o Grupo Executivo da Reforma Administrativa (Gerad) promoverá de 18 a 22 de maio a "Semana de Informações Administrativas".

A semana se dará da seguinte forma: expositores apresentarão de forma simples e prática as divisões e os serviços dentro do organograma da DGA e do DGRH, mostrando como os trâmites se relacionam e os processos transitam pelos diversos "dutos" administrativos. Os participantes — todos indicados pelas próprias Unidades — terão também uma orientação detalhada dos impressos correntes e da legislação (normas e portarias) que normatizam as decisões.

O que é o Gerad

Foi para racionalizar e modernizar os serviços burocráticos que se criou, na Unicamp, o Grupo Executivo da Reforma Administrativa (Gerad), cuja plataforma de trabalho atua em três frentes: o desenvolvimento de recursos humanos, a racionalização dos procedimentos administrativos (organização e métodos) e a informatização dos serviços. Nos seus quase sete meses de atividade, o Gerad dedicou-se a detectar os problemas. São inúmeros. Agora, inicia uma nova etapa, ou melhor, 'um acerto de rumo'. Um dos problemas mais sérios, segundo a secretária executiva do Grupo, Olga Miranda, "é o relativo desconhecimento que muitas unidades têm dos mecanismos de funcionamento e das normas da Diretoria Geral da Administração (DGA) e da Diretoria Geral de Recursos Humanos (DGRH)". "Como conseqüência", continua Olga, "não tem sido pequeno o número de erros no preenchimento de formulários e de pedidos improcedentes. Isso faz com que os processos 'emperrem', quando não são devolvidos às respectivas unidades, para maior esclarecimento".

Segundo Olga, esse desconhecimento é perfeitamente compreensível. Desde 1966, ano em que a Unicamp começou a funcionar, o Diário Oficial publicou religiosamente cerca de 5 mil portarias e normas administrativas referentes à Universidade. Saber qual portaria deve ou não ser utilizada exigiria do funcionário de qualquer Unidade um esforço sobre-humano. A solução será catalogar todas as portarias e "enxugá-las" ao ponto em que se reduzam ao mínimo indispensável. A Procuradoria Geral já está fazendo esse trabalho. Pensa-se reduzi-las a um número aproximado de 800.

A "Semana"

"Através de cursos como os que serão realizados durante a I "Semana", diz Olga Miranda, "poderemos capacitar melhor o pessoal de todas as Unidades e estabelecer maior entrelaçamento entre elas e a administração central". A formação de recursos humanos com alta capacidade de gerir a administração é um dos pontos que orientam as mudanças em processo, especialmente agora que o orçamento está descentralizado e sob responsabilidade de cada Unidade. "A idéia é não só atribuir responsabilidades, mas também competência e poder de decisão", garante ela. "Só assim evitaremos a célebre frase: Para consideração superior".

"À margem disso", prossegue Olga, as próprias instâncias administrativas reconhecem que há atualmente uma grande morosidade no andamento normal dos processos". Também isto é em parte justificável: o número de processos aumentou cerca de 45% do ano passado para cá — saltou de 8.600 em 1985 para 12.400 em 86. Afinal, como se sabe, muito recentemente a Unicamp viu-se acrescida de cinco novas Unidades e do próprio Hospital das Clínicas, que requereu a contratação de grande número de profissionais. Os interessados em participar da Semana deverão entrar em contato com a Secretaria de sua Unidade.

O anatomopatologista, esse desconhecido

Não passará em brancas nuvens, na Faculdade de Ciências Médicas, a aposentadoria, no próximo dia 28, do prof. José Lopes de Faria, decano da Unidade. Indagado sobre a importância, para ele, desse momento singular na vida do profissional que durante 22 anos atuou no departamento de Anatomia Patológica, ele reagiu com modéstia: —"Não falem de mim, falem do anatomopatologista, esse desconhecido" — disse.

Com efeito: é impossível falar de Lopes de Faria sem passar pela história daquele Departamento e, conseqüentemente, da própria Faculdade de Ciências Médicas.

O prof. Lopes de Faria é o responsável pela criação do Departamento de Anatomia Patológica da FCM/Unicamp. Isso aconteceu em fevereiro de 1965 e, como ele mesmo diz, começou trabalhando sozinho numa saleta que não media mais que 3x4. Só dois anos mais tarde é que foi ter um assistente para auxiliá-lo nas tarefas administrativas do dia-a-dia. "Foi uma época tão difícil — relembra — quando nem laboratório o Departamento tinha. E para fazer as análises, eu trouxe um microscópio de São Paulo para uso próprio". Hoje o Departamento tem um Carl-Zeiss, modelo EM-10, com capacidade de ampliação de até 500 mil vezes.

Durante todo o ano de 65, o prof. Lopes de Faria fez, sozinho, 30 necrópsias e 224 biópsias. Hoje, para se ter uma idéia do volume de trabalho do Departamento, a média anual é de 480 autópsias e cerca de 7 mil biópsias, número equivalente também para citologias.

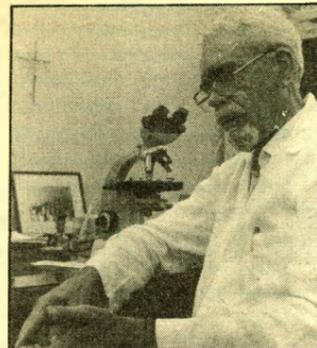
Ensino, rotina (autópsias, biópsias e citologia) e a pesquisa sempre foram os pontos básicos do Departamento e, por conseqüência, do próprio prof. Lopes de Faria. Ele conta que, sem se descuidar das outras funções do Departamento — que também considera fundamentais — sempre deu atenção especial ao ensino, tanto é que trabalhos concluídos aqui na Unicamp ele já os havia iniciado quando docente pesquisador na Usp.

Naquele tempo o professor, preocupado com o ensino na área de Patologia no Brasil, detectou logo de cara um problema sério: a falta de livros didáticos destinados ao ensino da Anatomia Patológica. Daí a idéia de escrever uma obra destinada a tal finalidade não demorou muito para ser concretizada. Em 71, o professor punha na praça aquele que viria a ser a "bíblia" dos estudantes de medicina — "Anatomia Patológica Geral", editado pela própria Unicamp e que hoje está em 3.ª edição. Quatro anos mais tarde, isto é, em 75, saía o 2.º volume da obra.

Desconhecido?

No romance "O Hospital", Arthur Halley descreve com ênfase o papel decisivo do anatomopatologista. A situação: aguardava-se o diagnóstico final de um tumor ósseo. Dependia do parecer final do médico a amputação ou não da perna do paciente.

Bem, mas quem é o anatomopatologista, esse profissional quase sempre muito conhecido entre médicos, alunos e funcionários, mas que raramente um paciente seria capaz de reconhecer? E por quê? Ele mesmo explica: "É um fato engraçado. Na maioria das vezes cabe ao anatomopatologista dar o veredito final sobre o futuro e a vida do paciente. Nosso papel é importante, por exemplo, quando, após analisar uma peça, temos a incumbência de dizer se a doença é benigna ou maligna". Mas o paciente nunca vai saber quem é o autor desse resultado.

"Com isso, quem realmente acaba aparecendo — diz, em tom de brincadeira — são os clínicos que durante todo o tempo cuidaram do paciente. Nunca o patologista". Para Athanase Billis,

Lopes de Faria: aposentadoria ativa e "memórias" em projeto.

professor-adjunto do Departamento de Anatomia Patológica, a razão fundamental do desconhecimento dessa especialidade por parte do público leigo reside justamente aí: na falta de contato pessoal entre o anatomopatologista e o paciente. A solicitação, a obtenção e o envio do material a um laboratório de anatomia patológica são feitos pelo clínico ou pelo cirurgião. "Evidentemente, na maioria das vezes, o paciente desconhece esse procedimento. Não sabe que uma conduta terapêutica futura depende única e exclusivamente de um laudo anatomopatológico", observa Athanase.

Todavia, não se trata de fenômeno recente. No início de 65, por exemplo, o prof. Lopes de Faria já notava que muitos dos aspectos ligados à atividade profissional do anatomopatologista eram desconhecidos até mesmo por parte dos alunos de medicina. "O mais importante não é, por outro lado, ser reconhecido pelos próprios pacientes, mas sim termos o reconhecimento do trabalho profissional que realizamos" — ressalta o experiente professor, para quem não há uma diferença entre o estudante de medicina, especificamente os da área de Patologia, daquela época e os de agora.

"Criamos aqui, desde 65, um espírito de responsabilidade, como requer essa área da medicina. Sempre fomos muito exigentes, fato que os alunos logo absorvem; quando ensinamos, é muito bem ensinado, com dedicação acima de tudo. Não só na parte teórica como também na prática", diz Lopes de Faria.

Trabalhando em média doze horas por dia, não será a aposentadoria que irá fazê-lo parar: "Quero continuar na Unicamp para dispensar maior atenção ao Departamento", finalizou, "escrever minhas memórias, meus artigos científicos para revistas estrangeiras".

Hermano na direção da Engenharia Elétrica

O prof. Hermano Tavares, 45 anos, é o novo diretor da Faculdade de Engenharia Elétrica (FEE) da Unicamp. Hermano tomou posse no último dia 23 de abril, quando automaticamente deixou a presidência da Associação dos Docentes da Unicamp (Adunicamp), cargo que exercia desde outubro de 1985. O prof. Tavares obteve o primeiro lugar na lista de candidatos da Unidade com 59% dos votos de um colégio eleitoral de 904 pessoas, sendo 100 professores, 24 funcionários e 780 alunos (graduação e pós).

Engenheiro eletrônico formado pelo ITA, em 1964, com doutoramento em Automação pela Universidade de Tolouse, na França, em 1968, Hermano Tavares vem desenvolvendo pesquisas em modelos de otimização aplicados basicamente a planejamento em duas áreas: redes telefônicas urbanas e planejamento hidroelétrico. Sua proposta de trabalho inclui dar à Faculdade de Engenharia Elétrica a configuração de uma "escola competente, moderna e democrática". Seu grande desafio é consolidar o doutorado, investindo fortemente nos laboratórios e na biblioteca.

A recém-criada Faculdade de Engenharia Elétrica — desmembrada no ano passado da Faculdade de Engenharia de Campinas (FEC), onde funcionava como departamento, é uma das mais conceituadas do país. Embora sua graduação represente apenas 2% dos formandos da área, na pós-graduação este índice cresce para 22% (mestrado) com 220 teses defendidas e 47% (doutorado), com 50 teses.

A FEE é formada por 11 departamentos e conta com 102 professores, dos quais 70 doutores. Em sua gestão, Hermano Tavares pretende fortalecer algumas áreas de pesquisa de ponta tais como informática, robótica, telemática e os sistemas digitais de comunicação. A nível de ensino, pretende manter a qualidade atual e lutar por seu aperfeiçoamento.

Muitas das pesquisas da FEE têm alcance nacional, como é o caso do Grupo de Otimização e Engenharia de Sistemas, que o próprio prof. Tavares coordenou até o final de 1985. Este grupo foi responsável pela elaboração do planejamento telefônico da cidade de Curitiba, que serviu de modelo à Telebrás para a aplicação posterior em outras cidades como Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Vitória, Macapá e Guaratinguetá.

Na área hidroelétrica, desenvolveu outros programas visando o gerenciamento do uso da água em planejamento de longo prazo (60 meses). Em função desse trabalho, a FEE vem ministrando anualmente cursos de operação em sistemas elétricos, através de convênio com a Eletrobrás. A cada ano, 15 engenheiros da Eletrobrás são treinados dentro desse programa. A Companhia Hidroelétrica de São Francisco (CHESF), sediada em Recife, também vem realizando treinamento de pessoal na Unicamp.

Hermano: fortalecer as pesquisas e manter a qualidade do ensino.

Março, 31: enfim, a maioridade.

Depois de duas décadas de funcionamento, a Universidade Estadual de Campinas atingiu finalmente a maioridade com a instalação, no último 31 de março, de seu Conselho Universitário. A instalação do Consu representou o coroamento do processo de institucionalização da Unicamp, que vinha sendo delineado pela comunidade acadêmica há cerca de três anos.

Com seus 62 membros e uma representatividade maior de todos os segmentos, o Consu representa um organismo permanente, moderno e ágil que, com mais ampla legitimidade, passa a conduzir o processo decisório da Universidade. A primeira reunião extraordinária do novo Conselho foi realizada no dia 14 de abril, quando se traçaram as diretrizes de trabalho do órgão e de suas duas principais câmaras: a de Ensino, Pesquisa e Extensão, e a de Administração.

O Consu em sua sessão de instalação: com jeito de parlamento.

Contribuição crítica

Na sessão de instalação, o reitor Paulo Renato Costa Souza destacou o momento de "maioridade" em que vive a Unicamp "que, apesar de ser ainda bastante jovem, já tem uma tradição". O reitor comprometeu-se a continuar trilhando "um caminho de contribuição crítica e de independência perante o governo e a sociedade, visando o desenvolvimento do país, através da pesquisa científica e tecnológica".

Paulo Renato ressaltou a composição inovadora do Consu, que introduz a representação dos funcionários e amplia a participação da comunidade externa, incluindo ainda a representação patronal, através da Fiesp, da associação dos trabalhadores (Dieese), da sociedade científica nacional (SBPC) e da sociedade científica estadual (Fapesp).

A instalação do Consu não encerra a institucionalização da Universidade, mas — segundo o reitor — "é o ponto mais importante dessa etapa, porque será através do Conselho que faremos a revisão periódica da institucionalização da Universidade, das Congregações e da própria estrutura do Conselho, se este eventualmente se mostrar inoperante no futuro".

Os representantes dos diferentes segmentos que compõem o Consu, que substitui o antigo Conselho Diretor, também se manifestaram sobre a importância da nova fase e falaram de suas expectativas frente ao novo órgão.

O representante dos alunos, Kalil Bittar, disse que a instalação do Consu estabelece um compromisso com a democracia interna da Universidade, "mas não representa ainda a cristalização desse processo". Defende a paridade para a representação discente, hoje equivalente a 1/5 dos 62 membros do Conselho.

Domingos Pereira, representante dos funcionários, lembrou que somente após 21 anos de universidade é que os funcionários tomam assento no Conselho Universitário, função que pretendem exercer "com responsabilidade". O fato de os funcionários serem, no momento, minoria, não representará, no entanto, obstáculo para uma atuação conseqüente, "porque estivemos calados, sem direito a voz, mas não omissos".

O representante dos docentes, prof. André Villa-Lobos, exdiretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade, falou sobre a co-responsabilidade dos docentes com o cotidiano administrativo da Universidade, co-responsabilidade que, no seu entender, deve ser acompanhada de "regras transparentes" desde o início de funcionamento do Conselho, para que, através da prática, o Consu seja mais "substantivo".

Falando em nome da classe empresarial, o economista Tadeu da Silva Gama, dirigente da Ciesp regional e representante da Fiesp no Conselho, manifestou sua expectativa em relação ao "papel da universidade no atual processo de desenvolvimento", já que ela é, a seu ver, a única instituição capaz de "tornar o Brasil independente científica e tecnologicamente".

O diretor do Instituto de Física, prof. Marcus Zwanziger, falando em nome dos diretores de Institutos e Faculdades, desejou que a Unicamp "chegue aos mesmos 600 anos recém-comemorados pela Universidade de Heidelberg, localizada ao sul de Frankfurt, na Alemanha". Ele lembrou, a propósito da tradição secular das universidades européias, a extrema juventude da Unicamp.

Falando em nome dos ex-reitores, o prof. José Aristodemo Pinotti, atual secretário da Saúde do Estado e responsável pela deflagração do processo de institucionalização da Unicamp, a partir de 1983, demonstrou sua "alegria por ver encerrada a etapa principal dessa delicada tarefa". Observou, no entanto, que a democratização de uma universidade vai muito além de sua liberdade interna e tem muito a ver com a responsabilidade externa, "com o seu compromisso com a sociedade".

Consu

O Conselho Universitário da Unicamp, criado pelo Decreto n.º 26.797, de 20 de fevereiro deste ano, inaugura uma nova fase na vida da Universidade. Politicamente, representa um avanço, na medida em que oficializa, embora em caráter indicativo, a consulta interna para as eleições ao cargo de reitor.

O órgão máximo de deliberação da Universidade também se democratiza, ao ampliar o número de seus membros de 41 para 62, introduzindo a representação de funcionários e ampliando a representação docente e discente, além de incluir, de maneira inédita, a representação da sociedade científica nacional, estadual, e da associação patronal e de trabalhadores.

A constituição do Consu fica assim: reitor, coordenador geral da Universidade, pró-reitores (5 membros), diretores das Unidades (18), representantes da comunidade externa (4), representantes do corpo de servidores técnicos e administrativos (4), representantes do corpo docente (15), segundo os diferentes níveis da carreira) e representantes do corpo discente na proporção de 1/5 da totalidade dos membros.

O Conselho Universitário, em sua configuração completa, deverá realizar cinco reuniões ordinárias anuais. Só poderá deliberar com a presença da maioria simples de seus membros. Suas duas câmaras, por outro lado, são integradas cada uma por 22 membros das diferentes representações do Consu e deverão se reunir mensalmente.

Para assessorar seu funcionamento, o Conselho Universitário terá ainda dois órgãos auxiliares (Comissão Central de Graduação e de Pós-Graduação) e três comissões permanentes (de Legislação e Normas, de Orçamento e Patrimônio e de Serviço Social).

Atribuições

As principais atribuições do Conselho Universitário Pleno são: elaborar a política acadêmica, científica, cultural e de prestação de serviços à comunidade; organizar a lista para a escolha do reitor, a ser submetida ao governador do Estado, após consulta indicativa à comunidade universitária; aprovar a criação ou extinção dos cursos de graduação e pós-graduação e os planos de expansão e desenvolvimento relativos ao ensino e pesquisa, depois de pronunciamento da Câmara de Ensino, Pesquisa e Extensão.

Caberá aos órgãos auxiliares, às comissões permanentes e às câmaras de Ensino, Pesquisa e Extensão e de Administração a discussão pormenorizada do cotidiano da Universidade. Estas instâncias terão poder deliberativo, sendo remetidas à reunião geral do Conselho Universitário apenas as questões pendentes que demandem recursos internos, bem como decisões de natureza mais política que envolvam a filosofia geral da Unicamp.

A serviço do aluno, com todo o prazer

"O aluno é a razão da existência de toda instituição de ensino. Nada mais lógico, portanto, que durante sua permanência na instituição, esta procure facilitar ao máximo sua vida e sua rotina. É para isto que, na Unicamp, existe o SAE". A explicação de João Luís Horta Neto é bem uma síntese dos objetivos do Serviço de Apoio ao Estudante (SAE), do qual é coordenador desde junho do ano passado. Horta, que é professor da Faculdade de Engenharia Elétrica, conta hoje com uma equipe de 26 profissionais (psicólogos, advogados, sociólogos, pedagogos e pessoal de apoio) que oferecem aos cerca de 11 mil alunos da Universidade — entre graduação e pós — de ajuda jurídica a orientação psicológica, de colocação profissional a programas culturais.

O SAE foi criado em 1976 pelo então reitor Zeferino Vaz. Durante anos funcionou num conjunto de salas no prédio do Ciclo Básico (onde hoje se encontra a Associação de Servidores). Em meados de 1986, entretanto, com a criação da Pró-Reitoria de Extensão, a que está ligado, ganhou novo impulso: o SAE teve seu quadro de pessoal ampliado e ocupa hoje praticamente todo o segundo andar do prédio da Diretoria Acadêmica. "Agora podemos afirmar que a administração da Universidade tem oferecido ao órgão infra-estrutura necessária para um efetivo apoio ao estudante", diz Horta. "Não conheço outra universidade no país que ofereça tamanho leque de serviços."

Horta: "Não creio que outra universidade ofereça tanto."

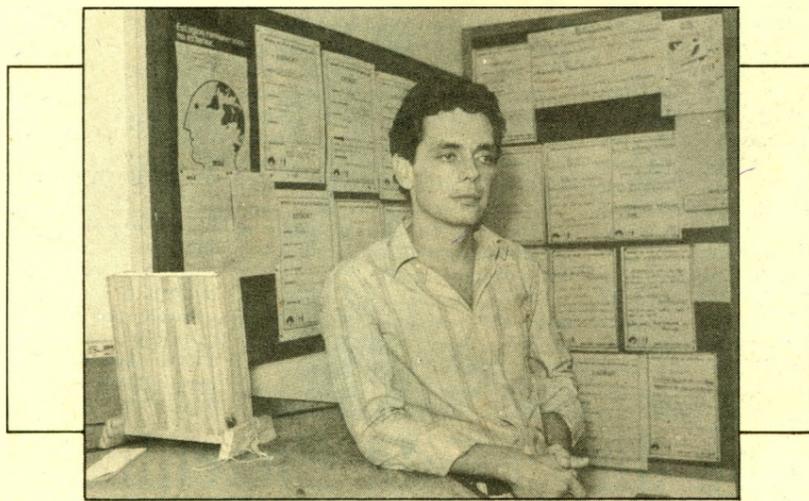
Áreas de atuação

São abrangentes as áreas em que o SAE presta assistência ao aluno da Unicamp. No campo do Serviço Social destaca-se o programa de bolsas para alunos carentes que necessitam de trabalho e bolsas de pesquisa, como forma de incentivo aos alunos interessados na investigação científica. Em ambos os casos (a Universidade oferece até 100 bolsas-trabalho e 40 bolsas-pesquisa) os beneficiados, depois de submetidos a rigorosa avaliação recebem mensalmente um salário mínimo, além de vales para almoço e passes de ônibus. Segundo as estatísticas, 5% dos alunos da Universidade são carentes. "A bolsa não resolve o problema de carência — diz Horta — mas já é um auxílio razoável".

Ainda nessa área o aluno poderá se utilizar do programa de emprego temporário, aberto a todos. O leque de ofertas vai de aulas particulares a serviços de **baby-sitter**. Outros programas muito procurados: o Banco de Dados sobre Moradia, que auxilia o aluno na busca de lugar para morar, quer seja em república, quer em casas de família; o Programa "Carta de Fiança", que permite a qualquer docente atuar como fiador do imóvel sob total responsabilidade da Universidade; o Programa de Carona Comunitária, que oferece um cadastramento das pessoas interessadas em dividir gastos de combustível para o deslocamento até o campus; e finalmente a Feira do Livro Usado, que, através de uma lista renovável de títulos gerados pelos próprios interessados, permite a aquisição ou a venda de obras as mais diversas.

O SAE oferece também um importante serviço de Orientação Educacional, que auxilia o aluno na organização e no cumprimento do currículo que melhor atenda seus interesses; desenvolve trabalhos junto aos estudantes estrangeiros conveniados, além de prestar assessoria a escolas de 1.º e 2.º graus na organização de programas de orientação e informação profissional. Na área de orientação jurídica, o SAE auxilia os estudantes nas mais diferentes questões, desde ações de despejo até acidentes pessoais. Da mesma forma, estruturou-se com êxito um serviço de atendimento psicológico exclusivo dos alunos da Unicamp. Através da psicóloga ligada ao órgão, os alunos são encaminhados ao Departamento de Psiquiatria e Psicologia da FCM, que mantém um plantão de atendimento específico para eles.

Através da área de "Estágios e Empregos", o SAE tem oferecido freqüentes alternativas de trabalho aos alunos dos dois últimos anos de graduação, independentemente do curso ou da área. Trabalho semelhante é realizado com os recém-formados; nesse caso, o SAE oferece às empresas uma relação completa dos profissionais que acabam de chegar ao mercado de trabalho, revelando o índice de aproveitamento de cada um ao longo do curso. "O volume de solicitações das empresas tem superado nossas expectativas", revela Horta.

Fomentar a formação de grupos que discutam e desenvolvam trabalhos culturais nas mais diversas áreas, bem como promover uma série de eventos ligados às artes, também são atribuições do SAE. O órgão auxilia ainda um bom número de pesquisas solicitadas por comissões constituídas pela Universidade. Como exemplo, pode-se citar o levantamento do perfil sócio-econômico do aluno para a construção da moradia estudantil.

A universidade latino-americana

Uma realidade em transformação

A convite da Universidade de Belgrano, Argentina, o reitor Paulo Renato Souza expôs recentemente a 40 reitores da Europa e da América Latina suas idéias acerca da universidade latino-americana e do contexto de transformação em que se insere. O simpósio, do qual o reitor da Unicamp foi o principal conferencista pelo lado latino-americano, encerrou-se com a presença (muito aplaudida) do presidente Raúl Alfonsín. De volta ao Brasil, Paulo Renato concedeu esta entrevista ao "Jornal da Unicamp".

Jornal da Unicamp — Que espécie de mensagem o sr. levou aos reitores europeus e latino-americanos?

Paulo Renato — Eu procurei traçar um perfil da universidade latino-americana no período que abarca os últimos 25 anos. Ative-me especialmente à questão da explosão demográfica e da conseqüente e inevitável expansão da população estudantil. Falei também das tentativas (nem sempre bem-sucedidas) da universidade no processo de desenvolvimento social e econômico.

J.U. — Assim como já se falou, algo romanticamente, de uma unidade política latino-americana, não se corre o risco de uma generalização parecida em relação a um quadro universitário tão heterogêneo?

Paulo Renato — Sim. Sabe-se que o que é bom para Buenos Aires ou o Rio de Janeiro, Campinas ou Guadalajara, pode não ser o melhor para Manaus ou Tacna, no Peru. Há notáveis diferenças sócio-antropológicas, às vezes no espaço de uma mesma região, e uma variedade de ritmos civilizatórios que desautorizam completamente as generalizações. Não obstante, também é sabido que em paralelo às dessemelhanças culturais de país a país, de região a região, a América Latina como um todo compartilha uma significativa tradição cultural. A pergunta é: existiria uma tradição universitária que pudesse ser igualmente compartilhada? Por enquanto, a grande certeza é que compartilhamos quase inevitavelmente os mesmos problemas. Mas há um mérito nisso: é o da visão unificadora que tal situação propicia. O maior desses problemas está ligado à questão demográfica e à crescente pressão das diferentes camadas da população pelo acesso às universidades.

J.U. — No entanto, há uma tradição comum que aponta sempre para a retórica da crise e para a necessidade de reformas. Mesmo antes do surgimento da universidade brasileira na forma de entidades orgânicas — isto é, a partir da USP —, essa retórica já existia. Essa experiência da crise é uma experiência que pode levar a soluções comuns?

Paulo Renato — Tanto a crise quanto a necessidade de reformas continuam sendo problemas dos quais poucas escapam. Muitas das soluções podem também ser comuns. A chamada Reforma de Córdoba, por exemplo, que a maioria dos brasileiros injustificadamente desconhece, trouxe soluções válidas para vários países do Continente. Essa Reforma, que começou com uma greve estudantil na Universidade de Córdoba em 1918, desdobrou-se, nas décadas seguintes, em ampla campanha pela revisão dos currículos, pelo ensino gratuito e pela autonomia universitária, entre outras bandeiras de inegável alcance político. Rapidamente o movimento se espalhou da Argentina aos demais países da região, exceto, talvez, o Brasil, onde ainda não havia universidades a reformar. Tão acentuado foi o senso de antecipação histórica da Reforma que muito do espírito reformista de maio de 1968 não fez mais do que reproduzir, com meio século de atraso, as reivindicações dos jovens de Córdoba.

"A Reforma de Córdoba foi abrangente, mas não resolveu todos os problemas"

J.U. — Mas, se a Reforma de Córdoba permanece tão atual e seu alcance tão abrangente, o que justificaria a grita por novas e urgentes transformações?

Paulo Renato — Bem, nem todos os problemas foram resolvidos. Não se alterou, por exemplo, a estrutura elitista da educação superior nem foi encurtada a distância (há muito existente, mas agravada a partir dos anos 60) entre a produção intelectual das universidades e as carências reais das nações latino-americanas. No Brasil, onde a primeira universidade planejada como tal só apareceu em 1934 (a USP), a desejada reforma veio no bojo das contestações dos anos 60. O movimento contestador terminou destroçado pela intolerância militar, mas o saldo resultou positivo: aboliu-se a cátedra vitalícia e criaram-se os departamentos por área de conhecimento; implantou-se o sistema de institutos, com a reunião dos departamentos ligados diretamente a uma determinada área científica, a par das faculdades, mais voltadas para o ensino de terceiro grau; estabeleceu-se a organização do currículo em duas etapas: o básico e o profissionalizante; decretou-se a flexibilidade curricular e implantou-se o sistema de créditos, o curso parcelado e o regime semestral; ampliou-se a participação estudantil e das categorias docentes nos colegiados superiores e, finalmente — determinação da maior importância para os destinos da universidade brasileira —, reafirmou-se a indissociabilidade entre ensino e pesquisa.

Eis um programa de reforma que, bem executado, colocaria a universidade de qualquer país em situação invejável. Tal não se deu, contudo, com a universidade brasileira. Duas décadas depois, estamos nos perguntando por quê, salvo quatro ou cinco exceções regionais, o ensino superior continua tão pouco satisfatório, a pesquisa tão rarefeita, e tão tênue a ligação da academia com o processo de desenvolvimento.

Paulo Renato: "Continuamos nos distanciando científica e tecnologicamente do Primeiro Mundo."

"Só as estatais têm conseguido juntar ensino e pesquisa de alto nível"

J.U. — A que se deve tal situação?

Paulo Renato — Em boa parte, ao abandono a que foram relegadas, pelos governos militares, as atividades sociais do Estado. Os ínfimos recursos destinados à Educação são uma prova disso. Certamente que a isto se somam condicionantes históricos e econômico-sociais. Pode-se dizer, de resto, que a universidade brasileira chegou à maturidade no momento em que o ensino formal em todos os níveis era questionado por novos processos de trabalho, que acarretavam, ao lado da produção em série, a desqualificação dos trabalhadores. De outra parte, não é casual o desinteresse do Estado em manter ou aumentar, de acordo com o crescimento da população, seus gastos com a Educação. Essa tendência só é revertida quando fica patente ao governo a necessidade de avançar o conhecimento científico e tecnológico para superar as barreiras que se interpõem ao crescimento econômico.

J.U. — Nesse quadro, como se situam as universidades paulistas?

Paulo Renato — Uma análise realista da universidade latino-americana não poderia ignorar as peculiaridades das universidades estaduais paulistas. Em verdade o que temos no País é um complexo extremamente recente de cerca de 80 instituições das quais só algumas podem realmente levar o nome de universidades. As que ensinam e pesquisam com efetividade rapidamente se elevaram à condição de paradigmas onde as demais têm freqüentemente projetado suas aspirações. Essas poucas universidades lograram estabelecer um padrão de excelência e funcionalidade, além de apreciável articulação com o aparelho produtivo. Basta ver que uma só delas, a USP, concentra 20% de toda a pesquisa universitária nacional.

As instituições que têm conseguido associar o ensino superior à pesquisa de alto nível são, justamente, as universidades estatais. Isto não é casual e se deve principalmente ao alto custo que representa a instalação de laboratórios e equipamentos, além da manutenção de grupos de pesquisadores docentes com dedicação integral. A disponibilidade total de cientistas com alto nível de formação, muitos deles com cursos de pós-graduação no exterior, está fora das possibilidades econômicas das universidades particulares.

Em conseqüência temos uma situação muito diferente nas universidades estatais de São Paulo, que têm 51,8% de doutores entre seus docentes e 75% dos professores em regime de dedicação integral, e o restante do sistema educacional superior do País, incluindo as instituições privadas. Basta lembrar que, em média, as instituições de nível superior no Brasil (somadas as públicas e as particulares) têm apenas 12,3% de docentes doutores e só 39,3% de professores com dedicação exclusiva. Dos 2.116 docentes da Unicamp, 51,1% são doutores e 77,2% trabalham em regime de dedicação exclusiva. O resultado é que, mesmo sendo extremamente jovem e sequer tendo completado ainda seu processo de institucionalização, a Unicamp mantém cerca de duas mil pesquisas em andamento e, das já concluídas, muitas com um alto espectro de aplicabilidade social.

J.U. — Mas, deixando de lado o desempenho solitário dessas poucas instituições, entre as quais, afortunadamente, a Unicamp se coloca, que conseqüências podem advir, a médio prazo, do alijamento das demais?

Paulo Renato — As conseqüências já se fazem sentir. A primeira delas é que a América Latina, apesar do esforço real de vários países, continua se distanciando científica e tecnologicamente do Primeiro Mundo. Indaga-se com freqüência de quem é a culpa: das universidades que não pesquisam? Daquelas que pesquisam e o fazem insatisfatoriamente? Antes de mais nada, as nações latino-americanas continuam investindo irrisoriamente em ciência e tecnologia. O Brasil, que nestes 25 anos se defrontou com oportunidades excepcionais de queimar etapas tecnológicas importantes mas preferiu atirar-se à aventura das grandes obras públicas, destina hoje menos de 1% de seu Produto Interno Bruto para a pesquisa. Para efeito de comparação, basta dizer que países como o Japão, a Alemanha e os Estados Unidos — com sua economia 20 vezes maior que a brasileira — não investem menos de 4%. Manejando um pouco toscamente esses elementos, veremos que as chances progressivas de ambos os países, no campo da investigação científica, caminham numa proporção de 80 para 1.

J.U. — Ao lado da questão tecnológica, corre paralela a do ensino. O sr. mesmo disse que o problema maior é o crescimento demográfico e a crescente pressão pelo acesso às universidades.

Paulo Renato — É verdade. Desde o início dos anos 60 a América Latina e o Caribe vêm experimentando taxas anuais de crescimento populacional não inferiores a 2,8%, as mais altas do mundo. Essas taxas têm sido puxadas para cima graças ao comportamento demográfico de cinco países: Brasil, Colômbia, México, Peru e Venezuela. Esses países representam 70% da população total da região. Isso permitiu que saltássemos de 211 milhões de habitantes em 1960 para 366 milhões em 1980, o que significou um acréscimo populacional de 74,5% em 20 anos! A esse ritmo, podemos estar certos de que na virada do século seremos em torno de 612 milhões de latino-americanos, isto é, o equivalente a um décimo da população mundial.

As estimativas revelam ainda que a população latino-americana situada na faixa entre 18 e 23 anos, que em 1975 era de 36 milhões, passará a ser de 70 milhões daqui a 13 anos. Há 12 anos, 9,6% dos jovens dessa idade estavam na universidade; estima-se que até o final do século essa proporção será de 20%, isto é, cerca de 14 milhões de jovens estarão solicitando seu ingresso nas instituições de ensino superior.

"No ano 2000, 14 milhões de jovens vão bater na porta de nossas universidades"

J.U. — Em linhas gerais, o que se espera que as universidades façam?

Paulo Renato — Em primeiro lugar, creio que cabe às universidades assumir de vez a responsabilidade pelo avanço científico, tecnológico e cultural. É patente a incapacidade (ou a inapetência) do setor privado em fazê-lo, ou em pressionar o Estado para que enfrente essas tarefas. Mas para que possa cumprir tal função, é fundamental que a universidade tenha qualidade, seja competente. Para que essa competência seja alcançada, é indispensável associar o ensino à pesquisa. Por outro lado, para que a pesquisa esteja em níveis adequados ao salto que deve dar a economia na América Latina, se faz necessário criar mecanismos de gestão dos fundos disponíveis que permitam canalizá-los para as pesquisas prioritárias.

Feito isso, ninguém melhor que a universidade para operar a transformação das estruturas arcaicas de nossos países. Claro que, para isso, ela necessitará de um requisito muito especial, que é a autonomia. Esse requisito é fundamental para a preservação das instituições frente às freqüentes inversões políticas que afetam as nações latino-americanas. Para que esse objetivo seja alcançado de maneira mais realista, convém que as universidades diversifiquem suas fontes de captação de recursos, buscando contar com financiamentos de fontes diferenciadas — seja a União, sejam os Estados, os Municípios ou ainda a iniciativa privada.

Finalmente, o sistema de ensino superior deve proporcionar, em toda sociedade democrática, a possibilidade de responder aos desejos e aspirações de formação profissional das camadas mais numerosas da população. Este é o grande desafio. A expansão do sistema, ou a adequação do já existente, não deve se pautar pela má imitação das instituições consagradas. Em vez disso, deve-se proporcionar outro tipo de instituição que venha mais ao encontro das necessidades de formação das grandes massas. Essas instituições, por sua vez, devem estar articuladas às universidades mais importantes, que proporcionarão uma formação adequada, a nível de pós-graduação, a seu corpo docente. Seus professores deverão também ter a possibilidade de participar da pesquisa científica dessas universidades. Só através desse mecanismo de integração se poderá garantir a indissociabilidade entre ensino e pesquisa no nível geral do sistema.

As 'gags' que ficaram no ar

Brilhante, cínico, perspicaz, ferino, gozador. Estas foram algumas das definições que dividiram a opinião do público que lotou os salões do Centro de Convenções da Unicamp, durante as duas conferências que ele proferiu na Universidade no último 25 de março. O personagem: Gore Vidal. O **Jornal da Unicamp** selecionou algums fragmentos do controvertido (mas nunca desprezível) discurso que ele destilou em Campinas e São Paulo. Da política à AIDS, da literatura à economia, da guerra nuclear à história universal, com a palavra o autor de "Juliano" e de 15 outros livros que têm corrido o mundo às centenas de milhares.

Literatura & Universidade

Nunca fui contra os pesquisadores universitários. Sou contra os teóricos. Não gosto do jogo que eles jogam. Acho que eles fazem uma brincadeira irrelevante. Mas eles não me incomodam, pois não têm a mínima influência. Veja você, a escola de Yale. Eles vão abolir o texto, vão abolir a própria literatura — eles já aboliram o contexto, e vão acabar abolindo o texto. São burocratas da literatura. O resultado é que o ensino de língua inglesa caiu 70% na universidade americana nos últimos anos. Eles afugentaram os alunos, afugentaram todo mundo. Eles podem se dar perfeitamente satisfeitos com o texto de Harold Hobbins, para eles não faz diferença alguma.

Escritores brasileiros

Não falo português, e não muitos dos escritores de vocês foram traduzidos, de modo que não tive oportunidade de lê-los. E nunca estive na América do Sul. Conheço alguns escritores brasileiros apenas de nome, mas nunca os li porque não foram traduzidos. Como leio em italiano e francês, sou capaz até de tirar algum sentido da leitura de jornais em português, mas isso é o máximo que consigo.

Escritores & álcool

O alcoolismo acabou com as carreiras de Hemingway, Fitzgerald e Faulkner. Edmund Wilson, contemporâneo dessas três estrelas, viveu mais e produziu mais do que todos eles; também bebeu mais do que eles. Foi a prova cabal de que quanto mais a mente é utilizada e alimentada, menos provável é que ela se devore a si mesma. Quando morreu, estava ocupado enchendo a cabeça de verbos irregulares húngaros. Ou seja: seu cérebro era tão bom quanto seu fígado.

Reagan I

Antes de mais nada, tenho más notícias para vocês. Notícias trágicas. Acabo de saber que a biblioteca de Reagan pegou fogo. E foram queimados os dois livros que havia ali. O presidente não havia terminado de colorir o segundo.

Reagan II

O candidato Ronald Reagan olhava para o chão e sempre dizia "bem...", todas as vezes que lhe faziam uma pergunta. Isso foi por volta de 1980. Numa entrevista me perguntaram o porquê disso e eu respondi que na velha Hollywood o texto (o script do ator) estava sempre no chão e que Reagan ainda não perdera o cacoete de procurar o ponto. Pode ser coincidência, mas Reagan nunca mais olhou para o chão.

Política e literatura

Não acho que os políticos sejam diferentes, em caráter, dos escritores. Apenas, eles têm uma escala de atuação maior. Na realidade, os políticos e os escritores se parecem muito e ambos manipulam a linguagem. A diferença é que o escritor tem que dizer a verdade, tal como a vê. Já o político nunca pode revelar a jogada. Uma vez que estes são impulsos opostos, a menos que você seja um mau escritor, como Winston Churchill, não dá para ser político e escritor ao mesmo tempo. É uma pena, mas trata-se de uma condição da cultura. Interessante, há mais escritores-políticos na América Latina do que nos Estados Unidos, como o Carlos Fuentes e... como se chama aquele do Peru? Já nos Estados Unidos, muitos escritores, tratados como irrelevantes para a sociedade, acabam mostrando que são mesmo irrelevantes para a sociedade.

Miss Sontag

Ao analisar a produção literária de 1965, Miss Sontag achou "difícil" pensar em um livro — em inglês — que exemplificasse de modo central as possibilidades das formas da literatura em prosa. Esse desejo de "ampliar" e "complicar" o romance tem um certo quê de loucura. Por que não minimizar e simplificar?

"Myra"

Na Europa, "Myra" (um de seus romances) é levado a sério. Em conseqüência, imagino antecipadamente que os entrevistadores querem discutir o livro com seriedade. Então, de repente, lembro-me de que eles não sabem do que se trata. E tenho de recomeçar tudo. Explicar o que é literatura.

Homossexualismo

Como todos sabem, eu inventei a homossexualidade em 1948, com "The City and The Pillar".

Autobiografia

Nunca escrevi sobre mim mesmo, o que me torna único entre os escritores norte-americanos. Nunca fui meu próprio tema. Estava muito ocupado tentando entender Buda, Confúcio, Abraham Lincoln. E acho que posso até provar que perdi algo com isso. Há um crítico literário da revista "Newsweek" que acaba de receber US$ 350 mil para escrever minha biografia. Tem gente aproveitando mais minha vida do que eu mesmo.

Aids

Os jornalistas aqui sempre abordam dois assuntos comigo. Um, a literatura brasileira. O outro é a Aids, isso porque sou um virologista famoso. Quais serão as conseqüências da Aids? É óbvio que é algo horrível para quem tem. Imagino que será descoberta uma cura, mais cedo ou mais tarde. Acho que uma conseqüência indireta da Aids — e isso será uma bênção — é que a contracepção vai entrar na moda. E, passando por cima do nosso papa polonês, as pessoas vão aderir à contracepção nos países católicos, na Índia, na China e onde quer que haja o menor medo da Aids. Com isso, vamos reduzir a população mundial que está hoje na casa dos seis bilhões, creio, para dois bilhões numa geração. Não quero parecer o doutor Pangloss (personagem otimista de Voltaire). Se não reduzirmos a população mundial, não vai ser possível viver neste planeta.

Gore Vidal: "Antes de mais nada, tenho más notícias para vocês."

Escritores & cinema I

Escrevi vários roteiros nestes trinta anos. Sou responsável por alguns dos piores filmes já feitos até hoje. Um segredo muito bem guardado é que fui roteirista de "Ben-Hur". Eu tive que conviver com essa vergonha. No entanto, como não herdei dinheiro, tive que trabalhar no cinema. Teve gente como William Faulkner, Aldous Huxley, Scott Fitzgerald, antes de mim, que trabalhou na Metro. Alguns levaram a coisa mais a sério do que outros. Eu sempre gostei deles. Era mais jovem. Não tenho nada contra a arte coletiva, mas não vejo o cinema como arte.

Escritores & cinema II

Li no "Cahiers du Cinéma" algo que adorei sobre um velho amigo meu, Joseph Losey. Joe era um diretor de Hollywood perfeitamente comum, nem bom nem mau, apenas um profissional. Ele teve problemas políticos e teve que se mudar para Londres na década de 50. Por acaso conheceu um jovem escritor chamado Harold Pinter, e eles fizeram três ou quatro filmes maravilhosos. Aí, o "Cahiers" dizia: "que maravilha quando um diretor provinciano norte-americano sai dos EUA e vai para a Inglaterra. Vejam que trabalho incrível. Só na Europa ele teve condições de desenvolver o que tinha de melhor". Coitados desses idiotas, não perceberam que foi Harold Pinter quem fez a transformação. Joe continuava sendo o mesmo diretor de antes. Já se disse que os Estados Unidos passaram da barbárie à decadência sem passar pela civilização. Com os filmes, aconteceu o mesmo. Os melhores são da idade clássica, dos anos 30 a 40.

Diário íntimo

Meu diário será aberto depois da minha morte ou da segunda vinda de Jesus, conforme o evento que vier primeiro.

O sonho americano

Eu poderia dizer que houve uma vez um país chamado Estados Unidos da América e que ocupava uma parte do hemisfério norte. Nós nos recordamos dele principalmente por seus produtos, suas curiosas garrafas rotuladas de Coca-Cola. Eram artistas mas não conseguiram atingir o poder. A queda começou com a instalação de reatores nucleares, a poluição, a superpopulação. Foi o início do fim.

Três estilos, três propostas, três artistas

São três artistas plásticos já com alguns anos de estrada, meia centena de exposições e, na bagagem, alguns prêmios significativos. Agora, quase que simultaneamente, estão expondo nos principais salões de arte de Campinas. Aqui, duas coincidências: primeira, os três são professores do Departamento de Artes Plásticas do Instituto de Artes (IA/Unicamp); segunda, nos trabalhos que estão mostrando — com técnica e conceituação diferentes — há um ponto em comum, ou seja, o resgate de algo que, com o passar do tempo, ficou para trás, caiu no esquecimenmto. São eles: Suely Pinotti, Berenice Toledo e Geraldo Porto.

Suely e Berenice não expunham há aproximadamente sete anos, tempo em que ficaram envolvidas em pesquisas no Departamento de Artes Plásticas e com trabalhos junto aos alunos. Agora, depois de uma mostra de onze dias na Galeria Campinas, partem para um vôo mais alto, uma exposição num dos espaços mais nobres de São Paulo: a Galeria de Arte da Fundação Álvares Penteado (FAAP), no período de 3 a 30 de junho.

Quanto a Geraldo Porto, que não expunha desde 84, realizou mostra de 14 dias no Museu de Arte Contemporânea "José Pancetti", em Campinas, de 21 de março a 4 de abril. Nesse trabalho o artista explora o nu masculino em doze pinturas de proporções elevadas, em telas de 1,50 x 2,80m.

Momento oportuno

Suely Pinotti está na Unicamp há quatro anos. Período em que, com raras exceções, viu-se totalmente envolvida com pesquisas, alunos e serviços burocráticos do Departamento de Artes, onde leciona História da Arte. "Depois desse tempo todo — diz ela — chegou a hora de fechar esse círculo e partir para uma exposição realmente significativa, como é o caso da galeria da FAAP".

Berenice: "colunas dóricas e um cão sem tempo."

Geraldo e seus nus: "Ousadia nunca me faltou."

Suely: "resgatando brinquedos esquecidos."

Tanto Suely como Berenice têm razões de sobra para estarem contentes com essa perspectiva. O espaço da FAAP não é concedido a qualquer artista. Muitos deles, de renome e com obra já sólida, não conseguem expor seus trabalhos lá. O que possibilitou o acesso às duas artistas-professoras "foram as credenciais" do prof. Bernardo Caro, que expôs na FAAP no ano passado. "Foi ele o responsável por tudo, por essa oportunidade", revela Suely. Enquanto Suely trabalha numa temática de resgate de brinquedos esquecidos da infância — como o pião, a pipa, a bolinha de gude, os saquinhos de arroz, o jogo de cabra-cega e os exercícios nas pernas-de-pau —, Berenice parte em busca de objetos "também perdidos no tempo", como o pé-de-sapateiro e o chapéu, entre outros.

Geraldo Porto, por sua vez, recupera algo que desde o hiper-realismo não era trabalhado pelos artistas: o nu masculino. Inspirou-se no livro de Wilhem von Gloeden (fotógrafo alemão), que morreu em 1931.

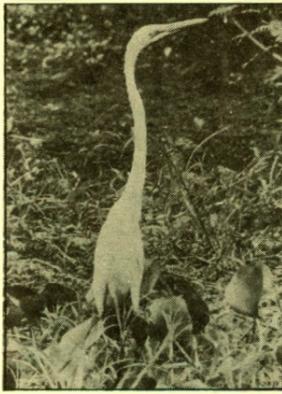
Baseado em von Gloeden, Geraldo passou então a criar, "com pequenas alterações", as suas próprias pinturas. Foram seis meses de trabalhos para concluir doze quadros que variam de 1 x 1,20m a 1,50 x 2,80m. Sobre o possível impacto que suas obras teriam provocado junto ao público, Geraldo diz que, como pôde observar, "as pessoas olhavam às vezes com um pouco de censura, não apenas pelo erotismo do nu, mas pelo conjunto todo da obra". Ao longo de sua carreira, que já dura mais de vinte anos, ousadia foi algo que nunca lhe faltou. Nenhuma de suas exposições deixou de causar polêmica. "É algo de provocação, ousadia mesmo, vontade de querer ressuscitar novos pontos de vista", diz.

Brinquedos e inquietações

Berenice, ao contrário de muitos artistas, não faz projetos, rascunhos ou primeiras provas "para ver como é que vai ficar". Quando termina um trabalho é exatamente como imaginou antes, na cabeça. No entanto, passa muito tempo pensando, imaginando um objeto qualquer e observando outros, com os quais costuma fundir desenhos em **crayon** com imagens de diferentes civilizações; imagens muitas vezes incompatíveis dentro de um mesmo cenário, como um cão olhando colunas dóricas em estado de abandono, ou ainda um chapéu no meio de um enorme X e, ao fundo, grandes vitrais como se fizessem parte de uma montagem lúdica.

Por outro lado, há objetos ou motivos com os quais trabalha que poderiam ser classificados como "brega", kitsch. "Utilizo elementos banais, o que pode passar a impressão de uma arte idem. É um risco que estou correndo. Mas é o meu lado afetivo, preso a detalhes, que procuro valorizar. Isoladamente, perderiam o valor artístico que tento imprimir a eles e, aí sim, poderiam ser rotulados de brega", diz.

Enquanto Berenice trabalha no resgate de figuras greco-romanas, Suely Pinotti prefere resgatar "os brinquedos esquecidos da infância". A intenção? Despertar no adulto não a nostalgia mas a busca de um espaço-tempo que ele tem dentro de si. "É para conseguir isso plasticamente — diz ela — que uso cores intencionais, uma linguagem contemporânea como suporte que a nossa realidade permite, como a forma e os detalhes. Há quadros com até três planos superpostos, transparentes, numa forma de resolução que, ao mesmo tempo que suporta o fundo e o cenário, dá o toque contemporâneo."

Na contínua busca de novos sons, Vielliard descobriu que o beija-flor é uma ave canora.

A garça branca, ave nobre e presente em todo o país.

Na caatinga, documentando sons e hábitos da fauna nordestina.

Zoólogos estudam pássaros do campus

Mesmo antes de um levantamento mais completo, os técnicos não hesitam em afirmar: há mais de uma centena de diferentes espécies de pássaros habitando atualmente o campus da Unicamp. Do simples pardal que literalmente "inunda" os flamboyants ao exótico e delicado beija-flor, basta dar uma volta pelos 2.112.000 metros quadrados da Universidade para se ouvir os mais variados tipos de sons ou canto.

O fato começou a ser constatado no último dia 8, quando uma "expedição" de dez pessoas — composta basicamente de professores e alunos ligados ao Instituto de Biologia — percorreu alguns locais da Universidade com o objetivo de fazer um reconhecimento das espécies que fazem do campus seu **habitat**.

Eram 6h15 da manhã quando o grupo, liderado pelo prof. Jacques Vielliard, deixou o barracão do Departamento de Zoologia do IB e se dirigiu para a Praça da Paz, um bosque situado entre a Reitoria e a Faculdade de Engenharia de Alimentos. Munidos basicamente de binóculo e de um catálogo de orientação contendo as principais informações acerca das espécies mais comuns, a expedição não teve trabalho para localizar logo um beija-flor tesoura, uma espécie não muito rara caracterizada principalmente por sua cauda bifurcada.

Neste primeiro passeio, que constou da visita à Praça e ao brejo localizado atrás do Barracão da Zoologia, os participantes da expedição identificaram 19 espécies, entre elas o Andorinhão Taperá, o João Pobre Topetudo, o Tico-Tico, a Coruja Buraqueira e o Anu Branco. Segundo o prof. Vielliard, o levantamento dá continuidade a um trabalho realizado há dois anos, quando se constatou a existência de 120 espécies na Universidade. "O espaço físico do campus sofreu grande alteração nos dois últimos anos — diz o prof. Luiz Otávio Marcondes Machado, que integrou a expedição. "Por mais que se queira evitar, o avanço do concreto acaba alterando a vida do campus. Até mesmo a troca de determinada vegetação atrai algumas espécies e expulsa outras".

Nos últimos quatro anos, o espaço físico da Universidade foi duplicado. Os pesquisadores do Departamento de Zoologia querem saber, no que toca à fauna,que tipo de alteração houve. Trata-se porém de um trabalho que leva no mínimo um ano. É outono e muitas espécies já migraram, o que dificulta uma análise mais aproximada da realidade. É preciso vivenciar as quatro estações para poder afirmar se houve ou não redução das espécies. A terceira expedição para reconhecimento das aves do campus acontecerá no próximo dia 6, e, segundo Vielliard, o grupo não é fechado: quem quiser participar, pode.

Do campus para a floresta

O trabalho de reconhecimento da fauna no campus, que faz parte do "Projeto de Pesquisa em Ornitologia Brasileira", é na verdade um desdobramento natural das pesquisas desenvolvidas há anos por Jacques Vielliard, desde que começou a trabalhar no Instituto de Biologia da Unicamp. Quando trocou a França pelo Brasil, em 1978, ele o fez para vir instalar o Laboratório de Bioacústica da Universidade — "o único catálogo de registro de sons da natureza da América Latina", assegura. Ao longo dos últimos nove anos, constituiu um acervo de aproximadamente 150 horas de gravação, documentando o canto de mais de 800 espécies das 1.600 que compõem a fauna brasileira. Muitos dos pássaros "captados" pelo pesquisador sofrem crescente ameaça de extinção. Por enquanto, oficialmente,nenhuma espécie foi extinta.

Na incansável busca dos sons da natureza, o pesquisador da Unicamp constatou vários fenômenos pertinentes aos pássaros, até então desconhecidos. Ele descobriu, por exemplo, que o beija-flor é um pássaro canoro. Através de um sistema de amplificação, foi possível captar e reproduzir o que então era imperceptível ao ouvido humano. Essa descoberta foi objeto de muita discussão no mundo científico. Outro trabalho de grande repercussão do naturalista: as gravações do canto primitivo do curió. Segundo ele, os campeonatos de canto dessa ave, realizados com uma freqüência cada vez maior, estão descaracterizando a espécie.

Ele explica que o canto dos pássaros passa de uma geração a outra em geral pelo fator genético, característica que predomina na maioria das 9.000 espécies que habitam os mais diferentes lugares do planeta. O segundo, este mais raro, é através do aprendizado. E é nesta classe que se encontra o curió. Seqüestrado dos pais quando ainda filhote, o curió termina aprendendo a cantar ouvindo gravações "melhoradas" de pássaros campeões. Resultado: todos cantam igual. Esse quadro pode ser alterado, em parte, através das gravações que o prof. Vielliard tem em seu acervo no Laboratório de Bioacústica. "Podemos reeducar o curió através do canto primitivo que temos armazenado", diz.

Mas Vielliard não pára no beija-flor e no curió: seu trabalho abrange também grilos, pererecas e outros animais. De Norte a Sul do país, o naturalista não mede esforços. Não é raro que ele capte ("com emoção") o canto de um pássaro desconhecido. Quando na floresta, ele utiliza o recurso denominado **play-back**, ou seja, reproduz o som captado de forma amplificada. "Esse método atrai o pássaro e permite o reconhecimento", diz. O longo tempo de atividade e a experiência acumulada ensinaram-lhe a não temer os perigos da floresta. Cobras ou outros animais que normalmente provocam temor nas pessoas, nunca foram motivo de susto para o pesquisador. Mas há emoções que só mesmo no cinema. Certa vez, na mata Atlântica, ele se viu diante da queda de uma bromélia — espécie de vegetal que se apóia em outro, sem retirar nutrimento dele. Trata-se de uma planta em forma de cálice, com três metros de diâmetro e que se fixa em galhos de árvores a grandes altitudes. Com as chuvas, esse "cálice" se enche de água até que, em determinado dia, o galho cede. Cerca de três mil litros de água são despejados abruptamente. O barulho,já gravado por Vielliard, é semelhante ao de um tiro de canhão. "Apesar disso, ainda acho mais seguro acampar na floresta do que atravessar a Avenida Paulista", garante.

O doce Esperanto vai fazer 100 anos

— Bonan tagon, professoro Tadeu, Kiel vi fartas?

— Bonan tagon, Ivanhoé. Ĉio bonas?

O diálogo pode dar-se no Departamento de Genética ou na rua. Quem ouvir certamente ficará intrigado. Afinal não se trata nem de espanhol nem de italiano, muito menos do português, embora se pareça com todos. Há uma leve sonoridade russa ou húngara, talvez polonesa. Mas não é nada que se possa ouvir fluentemente em Moscou ou Varsóvia.

Trata-se, na verdade, de uma rápida conversa em esperanto, uma língua sem lugar no mapa das nações, mas falada hoje por mais de 10 milhões de pessoas em diferentes países. Não nasceu de uma cultura específica, mas da fusão de várias culturas na cabeça de um só homem; o médico judeu-polonês Ludwig Lazar Zamenhof (1859-1917), que a criou sonhando com um idioma que pudesse um dia ser compreendido e falado "por todos os povos". O idioma completa um século em julho próximo.

Ao conceber o seu projeto de uma "língua internacional", Zamenhof acabou entusiasmando pessoas que, como ele, alimentavam ou alimentam esperanças próximas do sonho da "fraternidade universal". Eram pessoas dispostas, enfim, a não só aprender a nova língua mas também a difundi-la. "Essa tradição do repasse continua", afirma o prof. Ivanhoé Baracha, do Departamento de Genética do Instituto de Biologia da Unicamp e esperantista há 7 anos, tempo em que ele dirige na Unicamp um grupo de ensino e aprendizado da língua.

Esse grupo, constituído de aproximadamente 30 pessoas, já promoveu mais de uma dúzia de cursos, palestras e conferências, além de reuniões de estudos do esperanto. "Trata-se de uma atividade que embora levada com seriedade, dedicação e não poucos problemas, é uma coisa puramente idealista", observa Ivanhoé. No entanto, apenas idealismo e uma boa dose de dedicação não são suficientes para que o esperanto venha a se tornar de fato uma "língua internacional", como almejava Zamenhof ao publicar, em 1877, o seu "manual completo" do idioma. Para Ivanhoé, a coisa vai muito além: apesar de haver associações e entidades representativas do movimento esperantista espalhadas pelo mundo todo, "há uma certa resistência, e sua evolução é muito lenta. Nem todo mundo que começa a estudar a língua, ajudando na sua propagação, consegue ir até o fim. Muitos desistem, poucos recomeçam".

Mas, este ano, o centenário do surgimento do esperanto não deverá passar em brancas nuvens. O professor de genética prevê uma grande movimentação para comemorar a data, com atividades promovidas pela Associação Brasileira de Esperanto, com sede em Brasília, e outras entidades como o Cultura Centro de Esperanto de Campinas. Em julho será realizado, no Rio de Janeiro, um congresso brasileiro da língua. Quanto ao grupo da Unicamp, Ivanhoé adianta que, embora não tenha ainda nada programado, vai promover uma série de reuniões com esperantistas, exposições de livros, selos, cartões e cartazes, além de cursos.

Ivanhoé: luta ferrenha pelo idioma de Zamenhof.

Participação na ciência

Por que a difusão não é maior? A questão fundamental não está particularmente no seu aprendizado ou na gramática. E sim — segundo Ivanhoé — no "envolvimento de posturas colonialistas de nações que ainda querem impor suas línguas". Apesar disso, 110 universidades de 23 países já oficializaram o ensino do esperanto, seis delas estão no Brasil. Por outro lado, só na China existem 19 universidades em cujo currículo consta a opção do estudo do esperanto. "A própria Unesco já se mostrou favorável à instituição da língua. Por que então não se tentar estender o estudo dela a outras instituições de ensino superior"? — indaga Ivanhoé.

Para ele, há uma luta ferrenha, um esforço quase sobre-humano para que a língua conquiste espaços mais nobres, como o da ciência, por exemplo. Um dos obstáculos mais sérios que impedem essa conquista é a língua inglesa. "Nenhum movimento esperantista é contra a divulgação e o emprego de outros idiomas", diz, "mas são poucas as revistas ligadas à área científica que aceitam trabalhos escritos em esperanto. Isso porque em sua maioria são revistas americanas e inglesas".

De Camões a Chico Xavier

No entanto, só no Brasil há uma variedade considerável de obras vertidas para o esperanto. O mesmo acontece na Alemanha, França e Itália, em números sem dúvida superiores aos nossos.

No Brasil, não há dificuldade em conseguir-se versões esperantistas de "Os Lusíadas", de Luís de Camões, de "Inocência" de Taunay, ou ainda de "Iracema", de José de Alencar, de "Quincas Berro D'Água" de Jorge Amado, e de antologias de Castro Alves. A lista é longa, podendo-se encontrar ainda obras do espiritualista Francisco Xavier ou ainda do romancista e dramaturgo Guilherme de Figueiredo.

O esperanto não é uma língua difícil. Ao contrário, de grande regularidade sintática e estritamente fonética, onde cada letra representa um som e cada som corresponde a uma letra, o que facilita a escrita. É uma língua aglutinante onde os radicais, em sua maioria, são latinos. As vogais são as cinco fundamentais, ou seja, a, e, i, o, u, e toda a sua gramática se reduz exatamente a 16 regras básicas, sem exceção.

Quem não reconheceria estes versos de Gonçalves Dias?: "Mia lando havas palmoja/ki kantas sabi/ birdoj tie ĉi, kantantaj/tiel ne belsonas ja". Ou seja: Minha terra tem palmeiras/onde canta o sabiá/as aves que aqui gorjeiam/não gorjeiam como lá.

Bem, o próprio Zamenhof costumava dizer que o "esperanto não é um idioma criado ou inventado, porque na verdade não criei nem inventei nada. Limitei-me a tomar dos idiomas indo-europeus, que são os que falam os povos mais cultos da terra, aquelas palavras de sabor mais nitidamente internacional e submeti-as a regras gramaticais, que tampouco inventei".

Uma esperança que se chamou Zamenhof

No final de julho de 1887, uma pequena tipografia de Varsóvia concluía a impressão de um livrinho de apenas 40 páginas e de aspecto bastante simples. Na capa, de cor acinzentada, lia-se em russo: "Língua Internacional — Introdução e Manual Completo". Assinava a publicação um tal "Doutor Esperanto".

Por trás desse pseudônimo ocultava-se o Dr. Ludwig Lazar Zamenhof, oftalmologista de profissão, mas lingüista e poeta por vocação. Tinha apenas 28 anos. A publicação do livrinho ensaiou "o começo de uma revolução — de relevante alcance nos domínios da fala —, cujas conseqüências são difíceis de predizer", observa A. López Luna em seu livro "Zamenhof Iniciador do Esperanto".

Zamenhof nasceu na antiga Rússia em dezembro de 1859 e morreu em 1917, aos 58 anos.

DE OUTROS CAMPI

Lei de Incentivo Fiscal à Ciência — A exemplo do que aconteceu na área cultural com a Lei Sarney, a de Ciência e Tecnologia também terá uma legislação própria de incentivo fiscal para empresas que investirem no setor. O projeto já está elaborado desde o ano passado. O ministro de Ciência e Tecnologia, Renato Archer, deverá anunciar oficialmente o novo projeto de lei em junho, na reunião de instalação do Conselho de Ciência e Tecnologia (CCT).

Revistas Científicas — Através de um terminal de computador, um telefone e um **modem** (aparelho que conecta o computador à linha telefônica normal), pesquisadores de todo o país poderão agora "acessar" o catálogo coletivo nacional de publicações seriadas (CCN). Esse banco de dados, que contém 84 mil títulos localizados em cerca de mil bibliotecas brasileiras, é responsável pela manutenção de informações sobre revistas nacionais e estrangeiras de diferentes áreas científicas. O CCN está acoplado ao computador do Instituto Brasileiro de Informação e Tecnologia (IBICT), em Brasília. A informação pode ser obtida pelo pesquisador em poucos minutos, através da Rede Nacional de Comutação de Pacotes (Renpac), da Embratel.

Biotécnica/87 — De 5 a 8 de outubro, no Riocentro, Rio de Janeiro, será realizada a II Feira e Simpósio em Biotecnologia no Brasil. Empresários e pesquisadores participarão do encontro, que debaterá temas como biotecnologia aplicada às fermentações industriais, produção vegetal, pecuária e saúde.

Pós-graduação em educação pré-escolar na USF — A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade São Francisco iniciou em março um curso de pós-graduação "lato sensu" em Educação Pré-Escolar. O objetivo do curso é discutir a metodologia do trabalho com o pré-escolar de uma forma reflexiva que leve a um trabalho mais crítico com crianças dessa faixa etária.

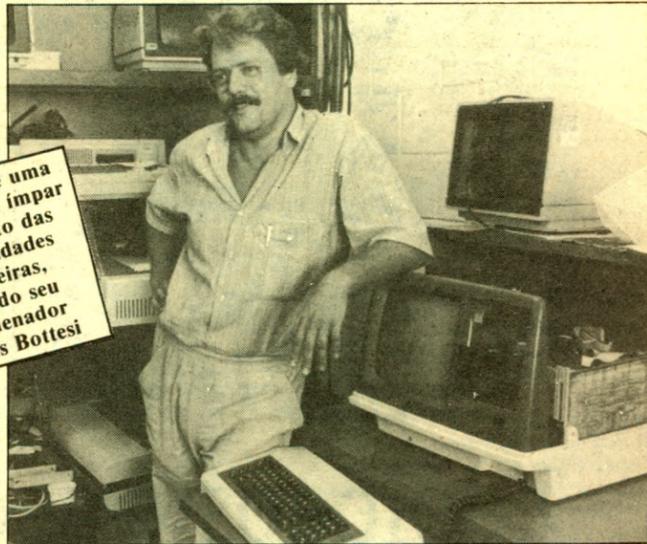
Queijo de soja na UEL — O Departamento de Tecnologia de Alimentos (TAM) da Universidade Estadual de Londrina está desenvolvendo um queijo de soja com características semelhantes ao tradicional queijo de Minas. O projeto, que vem sendo desenvolvido pela aluna de mestrado Geni Vareia Pereira, sob a orientação do prof. Lúcio Forte Antunes, da área de Química e Tecnologia de Laticínios da Universidade, acaba de receber recursos da ordem de 10 mil dólares da "Internacional Foundation for Science". O queijo é uma mistura de soja com pequena dosagem de leite de vaca ou soro desse leite.

Rádio Universitária na UEL — A Universidade Estadual de Londrina deverá ter em breve sua rádio universitária. O projeto de implantação da rádio conta com o apoio do reitor da UEL, Jorge Bonaussar Filho, e encontra-se em fase de análise pelos conselhos superiores da Instituição. O passo seguinte será uma avaliação do projeto pela Fundação Centro-Brasileira Tele-Educativa e pelo Ministério das Comunicações, que darão o parecer final.

UFPR & Universidade de Rennes — A Universidade Federal do Paraná assinou um convênio com a Universidade de Rennes, da França, para o desenvolvimento conjunto de pesquisas na área de ecofisiologia de leguminosas em pastagem. O convênio, assinado entre o Departamento de Fitotécnica e Fitossanitarismo e o curso de Agronomia da UFPR e a universidade francesa, prevê também a ida de cinco professores da universidade brasileira para cursos de doutorado e pós-doutorado no exterior.

Laboratório de irrigação na Unifor — Uma área de 10 mil metros quadrados do campus da Universidade Federal de Fortaleza (Unifor) será ocupado por um laboratório de irrigação. O projeto de laboratório, que está sendo desenvolvido através do Centro de Ciências Tecnológicas da universidade, prevê a instalação de modernos equipamentos utilizados na técnica de irrigação por gotejamento. O laboratório fará parte do curso de Irrigação de Engenharia Civil da universidade.

Transplante de rim na Amazônia — Ainda este ano a Universidade Federal do Pará contará com o seu Laboratório de Histocompatibilidade a ser instalado no Centro de Ciências Biológicas da Universidade. A partir da instalação do laboratório, o primeiro da Amazônia, poderá iniciar-se a realização de transplantes de rim na região. A viabilização do laboratório está sendo possível através de convênio com a Escola Paulista de Medicina, e a Subin (Secretaria de Cooperação Econômica e Técnica Internacional), órgão da Seplan.

O Cemeq é uma experiência ímpar no âmbito das universidades brasileiras, segundo seu coordenador Carlos Bottesi

Cemeq: artes e milagres do 'hospital de equipamentos'

Não existe laboratório na Unicamp que não tenha, em algum de seus equipamentos, o selo onde se lê: "Aferido pelo Centro para Manutenção de Equipamentos — Cemeq". Em três anos de existência, esse Centro já aferiu mais de 10% do total de quase 60 mil aparelhos existentes no campus — equipamentos de pesquisas, aparelhos de ar condicionado, telefones, geladeiras, máquinas mecânicas, microcomputadores etc. Mas, mais significativo que o número de ordem de serviço é o das cifras que o Centro economizou para a Universidade, ao dispensar a contratação de serviços de terceiros.

Criado em outubro de 1983, cabe ao Cemeq, entre outras atribuições, a manutenção dos equipamentos da Universidade destinados ao ensino e à pesquisa, a supervisão de todos os contratos de manutenção, a análise e o parecer técnico sobre a compra de equipamentos e o acompanhamento da instalação de todos os equipamentos adquiridos pela Unicamp. "A nossa carga de trabalho, no início, foi imensa", relata o prof. Carlos Bottesi, coordenador do Centro. Ele lembra que quando o Cemeq iniciou suas atividades, a manutenção dos equipamentos da Unicamp era feita através de contratos. Ocorre que apenas 0,1% dos quase 60 mil itens tinham contratos de manutenção.

No final de 1983, o então recém-criado Cemeq realizou um levantamento sobre as condições técnicas dos equipamentos espalhados pelos três campi: Campinas, Limeira e Piracicaba. A situação era caótica, segundo Bottesi: cerca de 50% dos aparelhos estavam fora de uso em decorrência de algum defeito. Nessa primeira fase o Cemeq optou por realizar um atendimento emergencial, colocando milhares de aparelhos em uso num curto espaço de tempo. Essa fase já pode ser considerada superada. "Daqui para frente", diz Bottesi, "nosso objetivo é aprimorar a qualidade dos serviços, tanto que já estamos colocando em funcionamento cerca de vinte equipamentos por dia."

"Sem a atuação do Cemeq não teríamos condições de dar aulas, e boa parte de nossas pesquisas estaria comprometida", assegura o prof. Antônio Celso Magalhães, diretor do Instituto de Biologia. Antônio Celso sabe o que diz: sua Unidade é o maior cliente do Centro. "Quando o Cemeq foi criado", informa, "a maior parte de nossos equipamentos de laboratório estava desativada em decorrência do tempo de uso; era uma situação verdadeiramente caótica." Para o diretor da Biologia, há muito que o trabalho desenvolvido pelo Cemeq vem sendo reconhecido até mesmo fora das fronteiras da Unicamp, merecendo hoje o respeito de várias universidades e de muitos centros de pesquisa do País, a maioria dos quais não dispõe de serviço semelhante.

Atendimento

"Todas as Unidades podem se utilizar dos serviços do Cemeq, que está capacitado para o atendimento em sete áreas distintas:

1 — **Instrumentação eletrônica:** atendimento a equipamentos de informática (micros, minis e periféricos), equipamentos de medidas (osciloscópios, voltímetros etc...) e alguns equipamentos de apoio (projetores de **slide**, retroprojetores, gravadores, áudio e vídeo).

2 — **Instrumentação analítica**: essa área atende basicamente a equipamentos de laboratórios como espectofotômetros, equipamentos de ressonância nuclear magnética, balanças analíticas, microscópios etc.

3 — **Refrigeração:** manutenção preventiva das centrais de ar condicionado, bebedouros, geladeiras e outras.

4 — **Mecânica:** consertos de fresas, tornos, centrífugas e máquinas operatrizes em geral.

5 — **Eletrotécnica:** consertos de painéis elétricos, grupos geradores, motores, recuperação de compressores elétricos.

6 — **Equipamentos de reprografia**: manutenção preventiva das máquinas Nashua (de propriedade da Universidade) e assistência aos equipamentos gráficos.

7 — **Telefonia:** manutenção das centrais telefônicas (uma em cada campus) e equipamentos de comunicação (telefones e telex).

A manutenção dos equipamentos hospitalares também está sob a responsabilidade do Cemeq, mas é realizada através do Centro de Engenharia Biomédica (CEB), que, entre suas diversas áreas, possui uma de engenharia hospitalar. A origem do Cemeq está, aliás, vinculada a esse setor de engenharia hospitalar. "A experiência pioneira e bem-sucedida do CEB", afirma Bottesi, "foi determinante para que o então reitor José Aristodemo Pinotti decidisse que essa experiência fosse estendida a toda a Universidade." As ordens de serviço do CEB acusam até o momento cerca de 6 mil trabalhos realizados nos aparelhos do Hospital de Clínicas da Faculdade de Ciências Médicas.

Projetos futuros

Além de ser considerado uma experiência ímpar no país pela diversificação e volume do atendimento que presta, o Cemeq, de acordo com Bottesi, está preocupado, no momento, em oferecer à Unicamp "um serviço de qualidade onde os equipamentos submetidos à manutenção tenham sempre os graus de precisão e exatidão especificados em suas características técnicas." Essa preocupação tem um forte motivo, "uma vez que toda pesquisa realizada na Unicamp poderia ser contestada por qualquer pesquisador estrangeiro se os aparelhos de aferição utilizados pelo pesquisador não estivessem com a mesma precisão que os padrões internacionais", diz o coordenador do Cemeq.

Em breve o Cemeq deverá instalar na Universidade o primeiro laboratório de aferição e calibração de equipamentos analíticos do país. Esse laboratório faz parte de convênio assinado entre o Cemeq, o MEC e o governo da Alemanha Oriental.

Por outro lado, dentro de alguns meses, Bottesi espera mudar suas oficinas para uma nova área de 1.000m2, já em construção no campus. "Isso vai ajudar muito", diz ele, "pois atualmente somos 48 funcionários ocupando uma área inferior a 250m2." O pessoal técnico é altamente especializado e se divide em 35 técnicos, seis engenheiros (um químico, dois mecânicos e três eletrônicos) e sete administrativos.

O desempenho do Cemeq, somente durante o ano de 1986, pode ser medido por dois fatores: 3.113 ordens de serviços em que foram dispendidas 29.953 horas/trabalho, o que gerou uma economia para a Universidade da ordem de Cz$ 23.179.764,00. "Nesse cálculo só está computado o valor da hora/trabalho, e não o preço das peças. Isso porque, se o serviço tivesse sido realizado por empresas particulares, as peças custariam duas ou três vezes mais", conclui Bottesi.

Esporte

Unicamp estréia em torneios oficiais

Depois de namorar a idéia durante dois anos — isto é, desde que instalou sua Faculdade de Educação Física (FEF), a Unicamp decide finalmente passar a competir em algumas modalidades esportivas dentro das competições oficiais de nível amador promovidas em âmbito estadual. Modestamente, a Unicamp preferiu começar em apenas três modalidades: atletismo, handebol e vôlei. A intenção da Universidade, segundo prof. João Tojal, diretor da FEF, é conjugar o trabalho acadêmico com as oportunidades de integração social que esses torneios oferecem.

Das três modalidades, o handebol foi a primeira a ter seu calendário definido pela Federação Paulista. A equipe feminina enfrenta no próximo dia 6, às 21 horas, em São Paulo, o Tênis Clube Paulista, enquanto a equipe masculina recebe em Campinas, dia 9, às 15h00, a equipe de Bragança Paulista. Nesse mesmo dia, a equipe feminina volta a se apresentar: recebe a A.D.C. Armico às 16h30 no Ginásio Multidisciplinar da Unicamp. Orientada tecnicamente pelo prof. Ricardo Babini (equipe masculina) e Paulo Braga (equipe feminina) e supervisionadas pelo prof. Láercio Elias Pereira, as equipes foram formadas no ano passado e compõem-se basicamente de alunos de graduação e pós, além de atletas da comunidade externa. As equipes participarão ainda este ano de torneios universitários e amistosos, devendo ser a base da representação de Campinas nos Jogos Regionais da Zona Leste e Jogos Abertos do Interior.

Tanto a equipe masculina de vôlei quanto a feminina estão sob o comando técnico de Ricardo Leite de Barros, funcionário da FEF. Ambos os times participarão da Segunda Divisão. Pelos resultados mostrados em jogos recentes, a equipe feminina promete bom desempenho na temporada 87. O vôlei masculino também entra no torneio em condição satisfatória, com vitórias em todas as competições universitárias realizadas no ano passado. Os Jogos Universitários Paulistas e os Jogos Universitários Campineiros são dois campeonatos em que a Unicamp também terá presença garantida. Dia 2 de maio, a equipe feminina vai a Limeira enfrentar o time local, enquanto o time masculino joga no mesmo dia contra o Derla, às 18 horas, no Ginácio Multidisciplinar da Unicamp. As equipes farão em maio os seguintes jogos: feminino — dia 9, às 17h30, aqui, contra o Derla; dia 16, às 17h30, em Jacareí, contra o Elvira; dia 23, às 17h30, aqui, contra a Ponte Preta e dia 30, às 17h30, em Itatiba, contra o Itatibense. O time masculino fará os seguintes jogos: dia 8, às 20h30, em Atibaia, contra o C.A.A.; dia 16, às 18 horas, em Sorocaba, contra o C.V.R.; dia 23/5, às 18 horas, aqui, contra o XI de Agosto e dia 30, às 18 horas, aqui, contra o CCB.

O atletismo é uma equipe formada há mais tempo: três anos já. Composta por alunos, professores e funcionários, os atletas conquistaram em 85 e 86 todas as competições universitárias de que participaram. Na temporada 87, a meta é competir em todos os campeonatos oficiais, inclusive o "Troféu Brasil", que acontecerá em julho, no Ibirapuera, em São Paulo. A Corrida de São Silvestre é outro evento que terá representantes da Unicamp. O grupo conta com aproximadamente 50 atletas comandados por três técnicos, todos professores da FEF: Ídico Luís Pelegrinotti, Asdrúbal Ferreira Batista e Carlos Luís Mossa. A participação dessas equipes nos campeonatos oficiais terá, segundo o diretor da FEF, alto valor didático, servindo como laboratório prático para os alunos de graduação.

EM DIA

Cecon — 1 ano — Com uma solenidade simples, o Centro de Saúde da Comunidade da Unicamp (Cecon) comemorou, no último 15/4, seu primeiro ano de atividade. Na ocasião iniciou nova fase o serviço odontológico que, desde então, passou a funcionar ininterruptamente 12 horas por dia.

Desde o início de suas atividades, em abril de 1986, o Cecom, através de seu serviço médico e odontológico, já realizou aproximadamente 40 mil consultas. O Centro atende a toda comunidade universitária (alunos, funcionários e professores), que totaliza hoje cerca de 20 mil pessoas. Além do serviço de pronto-atendimento — em média 500 consultas por mês — o Cecom oferece assistência específica à mulher e mantém mais de sete programas de atendimento como os de hipertensão, problemas de coluna e saúde mental.

O serviço odontológico é o mais procurado pela comunidade interna. Mesmo com a duplicação do atendimento — realizam-se hoje mais de 2.500 consultas mensais — a lista de espera é de aproximadamente 600 pessoas.

Atletismo na FEF — A Faculdade de Educação Física promoverá no próximo dia 16, a partir das 9h30, o "1.º Torneio de Atletismo Unicamp". Os atletas ligados à FEF e a outras agremiações convidadas participarão das provas de 100, 200, 400, 800, 1.500 e 5.000 metros rasos, arremesso de peso, lançamento de dardo, lançamento de disco, revezamento 4x100, salto em altura, salto em distância, entre outras. Todas as provas serão realizadas na pista de atletismo da FEF.

Unicamp na Antártida — Pesquisadores do Departamento de Raios Cósmicos do Instituto de Física da Unicamp já estão analisando as primeiras informações enviadas por Nilton Mengotti Silva, aluno do 4.º ano do IF, que se encontra atualmente na Estação Comandante Ferraz, na Antártida, trabalhando na captação de raios cósmicos. O aluno enviou seis fitas cassete pelo navio Barão de Teffé, que atracou dia 11 último no Rio de Janeiro, encerrando a 5.ª Expedição Brasileira na Antártida. Nilton permanecerá na Antártida até o final do ano. As próximas informações serão enviadas através de aviões da FAB que iniciam agora os vôos de inverno ao continente gelado.

Projeto Básico — 12h30 — Com a realização de quatro shows, o Sae — Serviço de Apoio ao Estudante — dá seqüência ao projeto que visa oferecer ao público universitário, no horário de almoço, uma variada programação de apresentações musicais. Os shows acontecem sempre às quintas-feiras, no Ciclo Básico. Esta é a programação de maio: dia 7, Grupo Êxtase; dia 14, Grupo Léio; dia 21, Titani e dia 28, Grupo Soma. A promoção é da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários, através do Sae.

Levantamento de peso ganha título — A equipe de atletismo da Unicamp consegue mais uma vitória, na categoria de Levantamento Básico, sagrando-se campeã com 26 pontos contra 21 da segunda colocada. A competição foi realizada no dia 11 de abril último, no Clube Campineiro de Regatas e Natação. Na classificação individual, dos 11 atletas da Unicamp que participaram do evento, 7 foram selecionados. São eles: Haroldo Luiz de Oliveira, Edvaldo Donizete de Campos, René Leite do Canto, Carlos Alberto R. Costa, Juan Martin Jeer, Kraus Werner Coedde e Marcelo Eduardo Sabioni.

Especialista em carvões visita LCA — O prof. René Cyprés, diretor do Departamento de Química Geral e Carboquímica da Universidade Libre de Bruxelas (ULB), acompanhado dos professores Collete Braekman e Bettens, visitarão de 5 a 14 deste mês o Laboratório de Combustíveis Alternativos do Instituto de Física da Unicamp. Em maio do ano passado os professores Carlos Luengo e Mário Cencig, do LCA, apresentaram no Simpósio Rolduc Internacional de Carvão, realizado na cidade do mesmo nome, na Alemanha, trabalhos realizados na Unicamp, quando o prof. René mostrou interesse em conhecer pessoalmente o laboratório. O prof. René é um dos principais especialistas mundiais em carvões minerais e seus derivados, tendo publicado 135 trabalhos sobre o assunto. Durante sua permanência no Brasil, o prof. René visitará outros laboratórios da área em diferentes instituições do País. Na Unicamp, realizará duas palestras: a primeira no dia 5/5 às 14h, na sala IQ-01 do Instituto de Química, intitulada "Hydropyrólysis: a Third Way for Coal and Biomass Conversion" e, em 8/05, também às 14h, na sala 32 do prédio A-5 do Instituto de Física, falará sobre "Coal conversion in Europe: an Overlook". O prof. René é entusiasta da técnica de Hidropirólise Rápida (HPR), sendo o principal assessor da planta-piloto construída na Bélgica (em Liège) para processar carvões minerais belgas.

Laboratório Síncroton — O Laboratório Nacional de Luz Síncroton começa a se tornar realidade. O diretor do laboratório é o físico da Unicamp Cylon Gonçalves da Silva. No início de maio as obras do prédio que abrigará o laboratório em Campinas deverão estar concluídas, iniciando-se aí o processo de instalação dos equipamentos de pesquisa. O laboratório conta com o apoio do Ministério de Ciência e Tecnologia, através do Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que já investiu Cz$ 20 milhões na primeira fase do projeto. A expectativa é de que o Laboratório Síncroton fique pronto em seis anos.

vida universitária

ENCONTROS

Infotec — Nos dias 2, 3 e 4 de junho, no Centro de Convenções da Unicamp, será realizado o Simpósio sobre Tecnologia de Reprodução de Documentos e Informações. Entre os objetivos do evento destacam-se: a pesquisa de métodos para avaliar os benefícios ou o retorno dos gastos e investimentos em reprografia nas instituições brasileiras; o levantamento das pesquisas em desenvolvimento no setor; a aproximação entre indústria e universidade na área, além da troca de experiência entre os vários segmentos ligados ao assunto. Entre os conferencistas estarão representantes da Itautec, Remington, BNDES, CTI, Champion, Capes, Usp, UFBA e IMESP. Inscrições e maiores informações no DGA-53, pelo telefone 39-3346 e 39-1301 (ramal 2211).

Encontro de Centros de Informações — Será realizado de 23 a 26 de junho próximo, no Centro de Convenções da Unicamp, o I Encontro Nacional de Centro de Informações de Empresas Públicas. O evento tem por finalidade oferecer condições para a troca de informações com vistas a otimizar a utilização dos recursos aplicados em Centros de Informações pelas empresas públicas. Durante o encontro serão debatidos temas como Inteligência Artificial, Transferência de ambiente para usuários de Mainframe, Microinformática (hardware, software, ambientes e padronizações), Processamento de imagens (gráficos, CAD/CAM) e Centros de Informações e Automação de Escritórios. A comissão organizadora do encontro é composta por Ana Drummond (Unicamp), Luiz Sacarpa Neto (Metrô), Luiz Vicente Gonçalves (Cosipa) e Rui Buosi (Petrobrás).

Alterações no governo adiam supletivo para funcionários

As alterações no governo estadual, aliadas a trâmites inevitáveis em diversas esferas, terminou por retardar o início do funcionamento do curso supletivo para funcionários da Unicamp, originalmente previsto para o final do mês passado. Segundo o pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários, prof. José Carlos Valladão de Mattos, a expectativa atual é de que as atividades se iniciarão no segundo semestre deste ano.

A primeira etapa — de aprovação das normas pedagógicas pelo Conselho Estadual de Educação — já está superada. Quanto ao convênio com a Secretaria Estadual de Educação, encontra-se em fase final de instalação. Só então será publicado o edital para convocação de professores da rede de ensino para darem aulas no supletivo. A demanda interna já prevista de funcionários interessados em cursar o supletivo é de 219 pessoas para as séries da 5.ª à 8.ª, situando-se a maioria dos pretendentes na faixa etária de 20 a 40 anos.

O passeio da câmara

Manhã de chuva no Básico: quantos somos? a que profundidade estamos?

TESES

Teses Programadas — Estão previstas para os próximos dias as seguintes defesas de tese:

"Percepções interpessoais em excepcionais mentais educáveis". Tese a nível de mestrado. Área de Psicologia Educacional. Candidato: Hilda Miras Camargo. Orientador: Profa. Regina Alcântara de Assis. Dia 4/5, às 9 horas, sala de defesa de tese da FE.

"Persuasão e ordem: a escola de quadros do Partido Comunista do Brasil na década de 1950." Tese a nível de mestrado. Área de Ciências Sociais. Candidato: Sérgio Joaquim Rückert. Orientador: prof. Roberto Romano da Silva. Dia 4/5, às 14 horas, sala de defesa de tese da FE.

"Da leitura à produção escrita." Tese a nível de mestrado. Área de metodologia do Ensino. Candidato: Deyseli Meira Costa. Orientador: prof. Joaquim Brasil Fontes Júnior. Dia 11/5, às 14 horas, na sala de defesa tese da FE.

"Educação de deficientes mentais: o itinerário de uma experiência". Tese a nível de mestrado. Área de Psicologia Educacional. Candidato: Maria Tereza Eglér Mantoan. Orientador: profa. Orly Zucatto Mantovani de Assis. Dia 27/5, às 10 horas, sala de defesa de tese da FE.

"Estudo do efeito Raman pré-ressonante em derivados dinitroanilínicos". Tese a nível de mestrado. Área de Físico-Química. Candidato: Marcos Antonio Cezário. Orientador: prof. Oswaldo Luiz Alves. Dia 4/5, às 9 horas, na E-217 (IQ).

"Reatividade de 2H-airinas funcionalizadas com hidrazinas". Tese a nível de mestrado. Área de Química Orgânica. Candidato: Cecília Maria Alves de Oliveira. Orientador: prof. Albert James Kascheres. Dia 6/5, às 9 horas, sala E-305 (IQ).

Teses Defendidas — Foram defendidas as seguintes teses:

"O processo de implantação do sistema de municipalização de ensino de Árica (Chile)". Tese a nível de mestrado, de Luís Nelson Cornejo Sanchez. Dia 24/4.

"O processo de construção de noções espaciais topológicas na interação da criança com o seu meio ambiente". Tese a nível de mestrado, de Lúcia Helena Perussi Boson. Dia 27/4.

"Uma contribuição às investigações das sobretensões causadas em uma linha de alimentação monofásica por locomotivas controladas a tiristores". Tese a nível de doutorado, de Carlos Rodrigues de Souza. Dia 24/4.

"Biologia reprodutiva e espaço domiciliar de Didelphis Albiventris em uma área perturbada na região de Campinas, Estado de São Paulo. (Mammalia-Masupialia)". Tese a nível de mestrado de Emygdio Leite de Araújo Monteiro Filho. Dia 23/3.

"Influência dos frutos sobre a fixação de nitrogênio em soja (Glycine Max. L. Merril) CV. Santa Rosa". Tese a nível de doutorado de Maria Auxiliadora Feio Gomes. Dia 25/3.

"Radiólise de soluções diluídas de CBr_4 em CCl_4 a 0°C. Comparação com termólise a várias temperaturas". Tese a nível de doutorado de Celso Aparecido Bertran. Dia 15/4.

"Estudos de ressonância magnética nuclear de 2-metilpropenos-3-substituídos". Tese a nível de doutorado de Mara Elisa Fortes Braibante: Dia 22/3.

"Estudo vibracional do acetato de litio dihidratado: efeitos isotópicos no estado sólido". Tese a nível de mestrado de Pedro Antonio Muniz Vazquez. Dia 23/4.

"Contribuição à fotoquímica de celulose: aplicação na hidrólise enzimática e crescimento fungal". Tese a nível de doutorado de Edgardo Alfonso Gomez Pineda. Dia 27/4.

"Oferta secundária de ferro e aço no Brasil: determinação e implicação": Tese a nível de mestrado, de Antonio Cruz Vasquez. Dia 13/4.

LIVROS

"Trilhas" na praça — O Instituto de Artes da Unicamp acaba de lançar o primeiro número da revista "Trilhas", publicação quadrimestral cujo propósito é abrir espaço para novas opiniões, discussões estéticas e projetos, entre outros temas de interesse cultural. No primeiro número, artigos de personalidades ligadas às artes de uma maneira geral, como Berta Waldman, Carlos Vogt, Ubiratan D'Ambrósio, Marília de Andrade, Valter Krausche, Etienne Samain, Luís Otávio Burnier, Carlos Simioni, Paulo Vieira e Alberto Beuttenmüller.

Militares: Pensamento e Ação Política — A Editora Papirus acaba de lançar uma coleção sobre o tema Forças Armadas & Sociedade. O primeiro volume da série, "Militares: Pensamento e Ação Política", tem como organizador o prof. Eliézer Rizzo de Oliveira, que integra o Núcleo de Estudos Estratégicos da Unicamp.

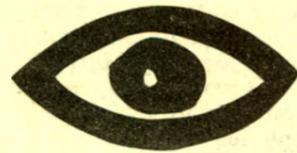
calendário

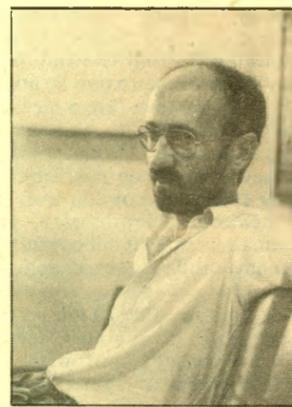
Dia 4, Segunda-feira, às 19h30, início do Curso de Atualização em Anatomia Patológica. Esse curso deverá estender-se até o dia 7 deste mês.

Dia 13, Quarta-feira, às 20 horas, início do I Simpósio sobre Doenças das Artérias Coronárias e Cardiopatia Isquêmica, no salão III do Centro de Convenções da Unicamp. Tema: "Controvérsias sobre indicações e resultado da revascularização coronária", pelo prof. Eduardo Arantes Nogueira (Unicamp). "Angioplastia coronária e trombólise: técnicas, evolução e perspectivas", pelo prof. Sigmituso Arie (USP); "Cirurgia da cardiologia isquemica: indicações no infarto agudo. Resultados", pelo prof. Antonio Fortuna (Unicamp).

Dia 14, Quinta-feira, às 20 horas, seqüência do I Simpósio sobre Doenças das Coronárias. Mesa-redonda — temas: "O infarto do miocárdio, condução do paciente em infarto agudo do miocárdio", prof. Lélio Alves da Silva (USP); "Evolução a longo prazo — pós-infarto", pelo prof. Leopoldo Piegas (ODC).

Dia 15, Sexta-feira, às 20 horas, seqüência do I Simpósio sobre Doenças das Coronárias. Temas da mesa-redonda: "Ponte miocárdica. Significado e importância", profa. Valéria Bezerra de Carvalho (Usp); "Prolapso indiopático da Valva: significado e importância", prof. Radi Macruz (USP).

Dia 16, Sábado, às 9 horas, I Simpósio sobre Doenças das Coronárias. Mesa-redonda — temas: "Fisiologia da circulação coronária; Bases anatômicas e mecanismos de regulação; O consumo do oxigênio miocárdico; Conceito de isquemia e sua expressão anatômica", pelo prof. Eulogio Martinez Filho (EPM-Escola Paulista de Medicina). "Fisiopatologia da circulação coronária, na arterosclerose; Obstruções concêntricas e excêntricas; Influência do esforço físico; O fenômeno do roubo", prof. Francisco Rafael Laurindo (Usp). "Trombose coronária, plaquetas; Importância do endotélio vascular; Protaciclinas e tromboxane; Drogas anti-agregantes", pelo prof. Danton Chamony (Usp). Às 14 horas, mesa-redonda sobre "A microcirculação coronária, bases ultra-estruturais, importância das arteríolas e capilares", pelo prof. Paulo Afonso Ribeiro Jorge (Unicamp); "Os receptores adrenérgico-coronarianos e miocárdicos", pelo prof. Sérgio de Moraes (Unicamp); "Mecanismos celulares de ação dos bloqueadores dos canais de cálcio", pelo prof. Protázio L. Luz (Usp); "Espasmo coronariano, mecanismos envolvidos, importância clínica, diagnóstico e conduta", pelo prof. Michel Batlouni (IDPC).

Marco Antônio, o diretor: "O objetivo é dar um novo salto qualitativo."

O saguão central do IMECC: muito espaço e salas individuais.

Petenete, o associado: preservação das boas condições de trabalho.

IMECC

Modelo brasileiro, padrão mundial

Do antigo "Barracão" ao moderno e confortável prédio onde funciona hoje, o Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação (IMECC) percorreu um longo caminho. Atualmente, o programa de Pós-Graduação do IMECC é dos mais conceituados do país e seu Bacharelado em Computação um dos mais procurados, tendo superado, já, o curso de Medicina na relação candidatos—vagas para o vestibular.

Não foi só em espaço que cresceu o Instituto. A mudança, no ano passado, do prédio emprestado do Instituto de Física, com seus acanhados 1.400m2, para os atuais 7.500m2, do arejado e espaçoso prédio novo, foi acompanhada de inovações e de "um inequívoco processo de maturação", segundo seu diretor, o prof. Marco Antônio Teixeira. "O objetivo atual é dar um salto qualitativo na pesquisa", diz Marco Antônio.

Um registro histórico: em 1967, o curso de Matemática da Faculdade de Filosofia de Rio Claro era encampado pela Unicamp. Estava constituído o embrião da nova Unidade. Dois anos mais tarde, o Instituto de Matemática da Universidade ganhava corpo próprio, funcionando, ao lado de outras Unidades, no antigo Colégio Culto à Ciência. O curso de Matemática de Rio Claro,de onde vieram muitos dos professores que hoje trabalham no IMECC, foi depois incorporado à Unesp.

Um programa de mestrado que rendeu 80 teses e renovou o ensino

Quando veio para o campus de Barão Geraldo, no final dos anos 60, o Instituto permaneceu por um curto período no antigo prédio da Faculdade de Engenharia Mecânica, mais conhecido como "Barracão". Mas já no início dos anos 70 transferiu-se para o prédio emprestado do Instituto de Física. A falta de espaço chegava a prejudicar o andamento dos trabalhos. Foi sob a direção do prof. Antônio Mario Sette, atual pró-reitor de Graduação, que o IMECC conseguiu ver acabado seu projeto físico de Unidade que, durante anos a fio, ficou apenas no esqueleto.

O primeiro diretor do IMECC foi o prof. Rubens Murilo Marques, responsável por sua estruturação e consolidação. Mas foi na administração do prof. Ubiratan D'Ambrósio — que ocupou sua direção de 1972 a 1980 — que o Instituto ganhou identidade própria e projeção nacional e internacional.

Segundo o prof. D'Ambrósio, no momento exercendo a função de pró-reitor de Desenvolvimento Universitário, o que se pretendia era constituir um curso "que tivesse uma parte forte de matemática pura, através de um Departamento de Matemática que continua sendo o mais forte, e áreas aplicadas através dos Departamentos de Computação, Estatística e Matemática Aplicada".

O IMECC foi, com efeito, o primeiro do Brasil a criar um Departamento de Matemática Aplicada voltada para o setor produtivo, cujo êxito resultou num dos mais inovadores cursos de pós-graduação da área e terminou por gerar um bacharelado específico para o setor. "O objetivo inicial do curso de Matemática Aplicada foi justamente o de possibilitar o lançamento de uma ponte entre a matemática e as indústrias em geral, coisa única no Brasil, na época em que foi criado", lembra D'Ambrósio.

Outra característica da fase de implantação e consolidação foi a preocupação em trazer para o Instituto "professores que também não seriam típicos para um Departamento de Matemática, abrindo assim novas áreas, de pesquisa" como Matemática da Engenharia, com forte base matemática", explica o ex-diretor.

A preocupação com o ensino da matemática sempre foi ponto forte da Unidade, que terminou por contribuir muito fortemente para a renovação do ensino de 1.º e 2.º graus no panorama brasileiro. "Já em 73", diz ele, "desenvolvemos numerosas propostas de inovação curricular no ensino da matemática que foram implementadas em vários Estados". Todo esse trabalho culminou com a criação, em 1975, de um Programa de Mestrado e Ensino de Ciências de Matemática, patrocinado pela OEA (Organização dos Estados Americanos) e pelo Ministério da Educação. Este programa visava a formação de lideranças para promover a inovação do ensino de matemática em todos os níveis. O programa teve uma duração limitada de quatro anos — "foi desenhado assim" — e recebeu 128 alunos, entre brasileiros e latino-americanos. O resultado acadêmico não poderia ser melhor: 80 teses, algumas de enorme importância social. O impacto desse programa é sentido até hoje, dentro e fora do Brasil, segundo o prof. D'Ambrósio, que manifestou sua satisfação com os atuais rumos do IMECC. "A abertura de novas linhas de atuação não enfraqueceu o Departamento de Matemática Pura", disse.

O edifício ficou anos no "esqueleto", mas hoje é um dos mais bonitos do campus.

Desde o início a política do Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação moveu-se no sentido de investir fortemente na capacitação de seus docentes e pesquisadores. Dessa forma, não são poucos os docentes da Unidade que lograram concluir seus cursos de doutorado e pós-doutoramento nas melhores universidades da Europa e da América. "Pode-se dizer", diz D'Ambrósio, "que estamos em pé de igualdade com o padrão da pesquisa matemática hoje desenvolvida nos principais centros do Primeiro Mundo".

A Unidade conta com 144 docentes (87 com título de doutor) atuando em diferentes áreas e realizando pesquisa pura e aplicada nos quatro departamentos do Instituto: Matemática, Matemática Aplicada, Estatística e Ciência da Computação. Os 793 alunos de graduação do IMECC e os 219 de pós-graduação contam com o apoio de laboratórios de pesquisa instalados em cada área e uma biblioteca com 13.165 títulos e 334 periódicos. A biblioteca é o laboratório do matemático teórico. A existência de uma sala individual para cada professor, ao contário do que ocorre na maioria das Unidades, onde em geral as salas são coletivas, possibilita uma atenção maior a alunos e orientandos, além de uma concentração mais apurada ao trabalho de pesquisa dos professores. Essa conquista não pretende ser abandonada.

Os grandes desafios enfrentados pela pesquisa matemática provêem hoje, segundo o prof. Marco Antônio, dos fenômenos físicos, principalmente das áreas de Biologia, Física e Engenharia. "Através de modelagens (modelos matemáticos), cabe ao matemático teórico tentar resolver o problema para interpretar o fenômeno; daí a importância da área".

O crescimento da matemática aplicada é uma conseqüência direta da demanda industrial, principalmente a do setor de informática, sempre atrás de melhores desempenhos para seus produtos. O papel do matemático, nesse caso, é fundamental. Ele atua em geral no controle de qualidade e, ao detectar, no processo de fabricação da mercadoria,este ou aquele problema, imediatamente aciona o pessoal do desenvolvimento tecnológico.

No programa de pós-graduação trabalham 70 professores em regime de dedicação integral. O programa iniciou-se em 1972, com o mestrado em Matemática; o curso de doutorado veio logo a seguir. Nas demais áreas, Matemática Aplicada, Estatística e Ciência da Computação, o curso de pós funciona exclusivamente a nível de mestrado. O apoio à pós-graduação é tal que o Instituto tem um prédio de três andares, com área de 600m2, só para seus alunos. A pós-graduação do IMECC conta com alunos de todos os Estados brasileiros e da América Latina, com predomínio dos chilenos e peruanos.

Os grandes desafios provêm hoje da pesquisa dos fenômenos físicos

Recentemente, o IMECC criou um Banco de Dados que reúne todo e qualquer tipo de informação científica e acadêmica existente na Unidade. O modelo desse Banco, que conta com o apoio da Capes e da Finep, deverá ser estendido aos demais Institutos e Faculdades da Universidade.

Outra inovação foi a criação, na segunda semana de abril, do "Telestágio". Trata-se da interligação dos computadores do IMECC com um computador de grande porte da fábrica da IBM, em Sumaré, que poderá ser usado por alunos e pesquisadores, todos os dias, após as 16h30. O Instituto deverá ser ainda o primeiro a oferecer um curso completo de graduação em horário noturno na Unicamp, já a partir de 1988.

O Instituto conta ainda com quatro laboratórios de prestação de serviços: **O Laboratório de Estatística**, que está vinculado à Associação Anhangüera de Controle de Qualidade, prestando trabalhos para a comunidade interna e externa à Universidade; **o Laboratório de Computação**, que tem convênios firmados com a Telebrás e a IBM; **o Laboratório de Matemática Aplicada**, que trabalha junto com a CODETEC; e **o Laboratório de Matemática**, que proporciona cursos de reciclagem para professores secundários e permite a integração da unidade com as escolas de 1.º e 2.º graus. O Instituto oferece ainda cursos variados de aperfeiçoamento e de extensão universitária nas áreas de Matemática Aplicada (matemática financeira) e mantém intercâmbio permanente com institutos de matemática do Brasil e do mundo inteiro, incluindo cursos de professores visitantes.